CINEMA, ELEMENTO INTRÍNSECO À NARRATIVA DA CIDADE

BEATRIZ TAMBOSI
2019

"Here's Johnny!"

The Shining . Stanley Kubrick

Universidade do Sul de Santa Catarina

Beatriz Carolina Tambosi

Cinema, elemento intrínseco à narrativa da cidade

Trabalho de Conclusão apresentado ao curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade do Sul de Santa Catarina, como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Luciano Dutra

Florianópolis, 2019

"Fechado o cinema Odeon, na rua da Bahia.
Fechado para sempre.
Não é possível, minha mocidade fecha com ele um pouco"

O fim das coisas.

Carlos Drummond de Andrade

Agradecimentos

Agradeço imensamente meus pais e meu irmão, que proporcionaram sempre ótimas oportunidades e me insentivam a ser alguém persistente e confiante, agradeço pelo apoio emocional e psicológico nessa árdua caminhada que é a faculdade de Arquitetura e Urbanismo.

A meu namorado que me acompanhou intensamente nessa etapa tão importante na minha vida e que me apoia em todos os momentos.

Sou grata ao professor Luciano que aceitou ser meu orietador e por toda a dedicação e comprometimento ao longo dessa etapa.

Aos meus amigos que fiz durante o curso, Nadini Dutra, Kamily Goedert, Luiz Henrique Pelegrini e Geovane Abreu, que dividiram comigo momentos de aprendizado e crescimento.

Por fim, agradeço a todos que de alguma maneira contribuíram para este trabalho.

Resumo

O presente trabalho consiste em elaborar estudo teórico e diretrizes para posterior concepção de um anteprojeto de um cinema no Centro Histórico de São José/SC, focando na retomada do cinema de rua tão importante anteriormente para a localização, promovendo uma revitalização, a partir de uma linguagem contemporânea que contemple as necessidades do Centro Histórico.

Palavras -Chave:
Arquitetura e Urbanismo, Cinema, Equipamento Cultural, Espaço Público, Centro Histórico.

Abstract

The present work consists in elaborating a theoretical study and guidelines for the subsequent conception of a preliminary project for a cinema in the Historic Center of São José / SC, focusing on the retaking of street cinema, which was previously important for the location, promoting a revitalization for the locality, from a contemporary language that meets the needs of the Historic Center.

Keywords:
Architecture and Urbanism, Cinema, Cultural Equipment, Public Space, Historical Center.

Área de intervenção
Centro Histórico de São José

SUMÁRIO

1. Introdução 01
2. Cinema 06
3. Aspectos técnicos.....18
4. Intervenções em centros urbanos.....28
5. Referenciais projetuais.....32
6. Estudo de caso.....40
7. Diagnóstico.....50
8. Partido.....72
9. Considerações finais.....89

Empreza Theatral e Cinematographica

FILOMENO & CIA.

Theatro Municipal--CINE YORK

HOJE! A's 4 horas em ponto

VESPERAL

— FILMS COMICOS —

IORNAL FOX. (Novidades Internacionais

PREÇOS DO COSTUME

QUINTA-FEIRA (2 maio)

Os MizeraVeis

SABBADO (4 de maio)

Quarteto de Amor

HOJE! A's 20 horas em ponto

KIKI

NORMA TALMADGE E RONALD KOLMAN

9 Monumentais partes

KIKI —A historia de uma pequena que sonhou trocar a «toilette» humilde, por um rico vestido de um figurino da ultima «reason» e por um bailado na ribalta de um theatro.

Successo dos Successos

PREÇOS DO COSTUME

BREVE :

OS BOMBEIROS!

Empreza Theatral e Cinematographica

FILOMENO & CIA.

Theatro Municipal--CINE YORK

HOJE! **A's 8 horas em ponto** HOJE !

O grande film intitulado :

O INFERNO VERDE

Interpretado por DOLORES DEL RIO

Successo dos Successos

TODOS AO CINE YORK

PREÇOS DO COSTUME

BREVE :

? ?

Anúncio Cine York, antigo cinema de rua de São José
Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme

1. INTRODUÇÃO

Pulp Fiction-Quentin Tarantino

1.1 Tema
1.2 Justificativa
1.3 Objetivos
1.4 Metodologia

1. 1 Tema

O cinema tem mantido uma intrínseca relação com as cidades desde que foi criado. Sendo considerado, segundo Name (2003) além de um grande espetáculo presente no século passado, uma forma de entretenimento urbano que presenciou o dinâmico crescimento das cidades.

Como um tradicional equipamento de cultura e lazer, o cinema de rua como equipamento urbano, possui a capacidade de transformar o espaço público em local de encontro e interação. No entanto, essa associação entre equipamento público e cidade tem-se tornado obsoleta pelo distanciamento do espectador com o espaço urbano, resultado do aumento dos complexos multiplex em shopping centers. Dessa forma, aproxima-se a escala urbana ao Centro Histórico de São José, por sua importância como polo cultural e sua relação com o antigo Cine York — que manteve suas atividades de 1998 a 2008. Deve-se ressaltar que atualmente esse local conta com equipamentos de teatro, cinema, clubes e procissões.
Em São José, a primeira exibição cinematográfica aconteceu por volta de 1912, no Theatro Municipal Adolpho Mello.

A ausência de um equipamento relacionado a sétima arte demonstra o cenário atual do Centro Histórico de São José. Dessa forma, o presente trabalho consiste em retomar a existência do cinema de rua de São José e o resgate da relação entre equipamento cultural e espaço público.

"Muitas cidades hoje necessitam de uma acupuntura porque deixaram de cuidar de sua identidade cultural. Um triste exemplo disso é o desaparecimento dos cinema municipais. No passado os cinemas representavam para as pessoas o espaço mágico da fantasia, da música, da utopia, da realidade, do sonho, da esperança. E foram também um ponto de encontro fundamental para a cidade. Os cinemas influenciaram gerações inteiras, não só no aspecto cultural. Eram locais onde as pessoas se encontravam, discutiam, se divertiam e frequentemente, levavam essas discussões para outros pontos da cidade." (LERNER, 2003, p. 13).

1. 2 Problemática|Justificativa

Atualmente, nota-se a quase inexistência de cinemas de rua no Brasil. Segundo a ANCINE (Agência Nacional de Cinema), somente 17% das salas de cinema estão situadas fora dos shopping centers. Esse quadro atual deve-se ao redirecionamento das salas de rua para os shoppings centers em decorrência de sua vinculação com o consumo. Outro fator que justifica o desaparecimento desse equipamento é o surgimento da televisão nos anos 50, enfraquecendo expressivamente o ato de frequentar o cinema.

Na contemporaneidade, tem-se a facilidade de acesso à diversos conteúdos cinematográfica no conforto de casa, apesar das salas de cinema proporcionarem uma experiência muito mais completa, com uma tecnologia super avançada de imagem e som.

Olhando pela perspectiva de que há uma relação direta entre pedestres, equipamento e espaço urbano, elabora-se uma crítica à situação atual de cinemas murados que ignoram essa interação.

Estudando a história, destaca-se a importância cultural do cinema para a cidade e para as pessoas, por se tratar de um equipamento voltado à cultura e lazer, gerador de movimentação, sendo um lugar de encontro, troca e referência para o bairro onde está inserido. Portanto, a proposta visa projetar um equipamento urbano público, criando vitalidade ao entorno em todos os períodos do dia, resultando em um possível gerador de revitalização da região.

1. 3 Objetivos

Objetivo Geral

Desenvolver uma proposta arquitetônica para um cinema no Centro Histórico de São José, visando a retomada da vitalidade urbana pela presença de um equipamento público em um Centro Histórico.

Objetivos Específicos

1- Compreender a funcionalidade das salas de cinema desde sua criação até os dias atuais;

2- Analisar o surgimento dos cinemas de rua no Centro Histórico de São José;

3- Inteirar-se sobre a legislação municipal vigente que compreendendo o perímetro e entorno, através do Plano Diretor;

4- Elaborar diagnóstico sobre a área e seu entorno, considerando patrimônios, fluxos, usos e sistema viário;

5- Analisar projetos referenciais para desenvolvimento do partido arquitetônico;

6- Elaborar partido arquitetônico (TCC I) e desenvolver posteriormente anteprojeto (TCC II).

1. 4 Metodologia

1- Designação do plano de trabalho;

2- Pesquisa bibliográfica em artigos, livros e meios eletrônicos para fundamentação do trabalho;

3- Estudo de caso nos cinema do CIC (Centro Integrado de Cultura) e Cinesystem, em Florianópolis;

4- Análise de projetos referentes ao concurso do IAB (2014) propostos para o Centro Histórico de São José;

5- Elaboração de mapas com o intuito de analisar o terreno de projeto e seu entorno;

6- Análise de projetos referenciais, através de desenhos técnicos e fotografias;

7- Definição do programa de necessidades fundamento pelos levantamentos prévios;

8- Concepção das diretrizes para o partido e posterior anteprojeto;

2. CINEMA

O Iluminado-Stanley Kubrick

2.1 Cinema e a história
2.2 Arquitetura dos cinemas
2.3 Cinema e o cenário brasileiro
2.4 Cinema de rua em São José
2.5 Panorama atual

2.1 Cinema e a História

De acordo com Mascarello (2006), o surgimento do cinema faz parte de uma história mais ampla do que somente práticas de projeções de imagem, mas também a dos divertimentos populares e instrumentos ópticos. Os filmes são uma continuidade da tradição das projeções de lanterna mágica criada no século XVII, aparato que se tratava de uma câmara escura onde através de lentes e desenhos em vidros projetavam imagens em uma superfície (fig 2.1). Se tornou um elemento relevante em feiras urbanas, dando indícios à um equipamento cultural de consumo em massa.

Através da invenção da fotografia, houve um fascínio por imagens em movimento, onde diversas técnicas e tecnologias foram sendo criadas de maneira independente com isso não se pode atribuir a invenção do cinema a uma única pessoa. Para Mascarello (2006), as primeiras exibições aconteceram em 1893, por Thomas A. Edison, quando patenteou seu quinetoscópio, um aparelho que compreendia em um visor individual onde se observava um pequeno filme em looping (fig. 2.2).

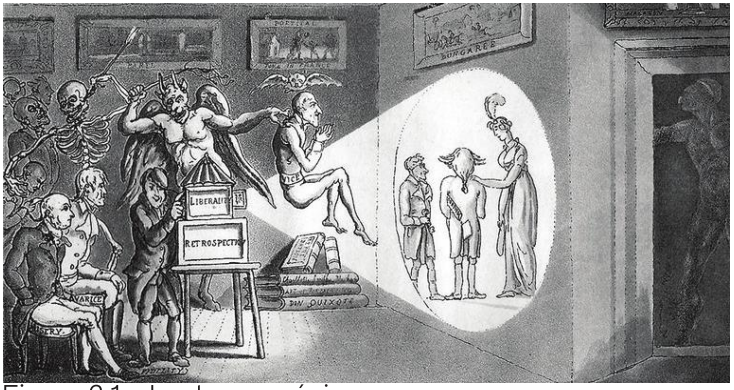


Figura 2.1 - Lanterna mágica

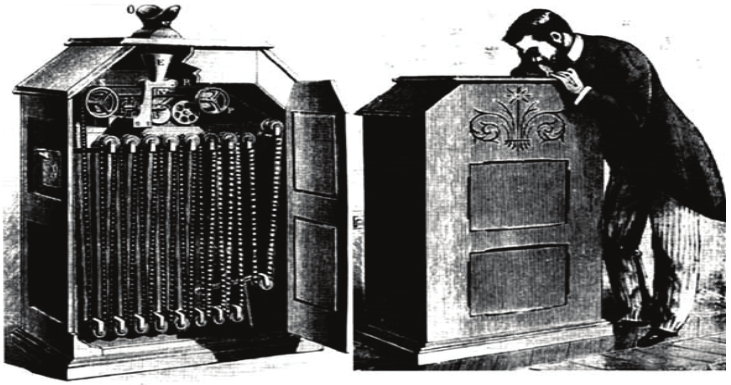


Figura 2.2 - Quinetoscópio

No ano posterior segundo Mascarello (2006), os irmãos Lumière, Auguste e Louise concebem o **cinematógrafo**, um equipamento que usava filme de 35 mm. Segundo diversos historiadores, a primeira exibição pública de cinema aconteceu em Paris no Grand Café, no dia 28 de dezembro de 1895. O Grand Café foi de extrema importância para o desenvolvimento do cinemas.

De acordo com Gunning (2006 apud Borges 2018), os anos iniciais do cinema entre 1895 a 1907 eram chamados de cinema de atrações, por apresentarem uma diversa gama de espetáculos desconexos, como, performances de acrobacia e encenações dramáticas. Durante esse período o cinema não havia se fixado em lugar nenhum, grande parte das projeções aconteciam em locais que possibilitasse de alguma forma sua exploração comercial. Eram locais como feiras, cafés e ***vaudevilles***, uma espécie de teatro de variedades,derivado dos salões de curiosidade, local onde se podia beber, conversar e se divertir (fig. 2.3).

Após um período de aculturação o público compreende as imagens em movimento, transformando o cinema em uma manifestação cultural de consumo em massa. No início do século XX surge uma necessidade por filmes mais elaborados, como ficção científica, no qual se inicia uma forma de cinema narrativo. Em 1902 o francês George Mélies lança seu filme **"Viagem à lua"** onde transformou o cinema na época com seus efeitos especiais inéditos (fig. 2.4).

Figura 2.3 - Vaudeville

Figura 2.4 - Viagem à lua, 1902

2.2 Arquitetura dos cinemas

Com este cenário, compreende-se o cinema em um empreendimento lucrativo, e os ***vaudevilles*** não possibilitam tal demanda. Segundo Munarim, (2009) entre 1906 e 1915 manifestam-se os ***nickelodeons***, grandes depósitos ou armazéns onde foram adaptados em cinema do dia para a noite (fig. 2.5). Eram locais rústicos, abafados e desconfortáveis. Logo, foram sendo frequentados pelas classes com menos condições financeiras como um espécie de refúgio dos sobrados precários das fábricas onde trabalhavam.

Figura 2.5 - Primeiro Nickelodeon dos Estados Unidos, em Pittsburgh, 1905

Com a popularização do cinema e dos ***nickelodeons***, surge a necessidade de espaços que acolham a sociedade burguesa. Com isso surgem os primeiros cinemas conhecidos como cine palácios (fig. 2.6), os quais tinham como objetivo enobrecer o espetáculo do cinema e distanciá-lo dos típicos ***nickelodeons***. Buscou-se enriquecer a arquitetura dos cinemas, através de eferências dos grandes teatros e se aproximando da arquitetura clássica (embasamento, corpo e coroamento).

Ao longo dos anos, o cinema se tornou definitivamente um hábito para a sociedade. O excesso de ornamentações presentes nos primeiros cine palácios, começa a ceder espaço para a racionalidade da era das máquinas. Assim, os ornamentos são substituídos pelas linhas retas e funcionais, iniciando o movimento ***art déco*** (fig. 2.7). Para Munarim, as mudanças na arquitetura dos cinemas, são entendidas como divulgação da modernidade urbana.

Figura 2.6 Regent Theater, considerado o primeiro cine palácio em Nova Iorque

Figura 2.7 Tower Theater localizado em Roseville na Califórnia

Com o passar dos anos o cinema foi se distanciando arquitetonicamente dos teatros, com um programa unicamente para exibição de filmes. Com a chegada dos televisores em 1950 nas casas da população o cinema passa por uma perda expressiva de sessões. Segundo Monsores (2011 apud Borges, 2018), o cinema enfrenta uma queda significante na década de 70, nas exibições cinematográficas em praticamente o mundo todo. Assim, aos poucos, os cinemas vão fechando, entrando em decadência e desaparecimento.

Simultaneamente, surgem os shoppings centers na década de 50 nos Estados Unidos. Com seus programas amplamente equipados com estacionamento, praça de alimentação e lojas, as salas de cinema passam a estar presentes nestes empreendimentos. A migração dos cinemas foi definitivamente para dentro dos shoppings.

Surge assim o termo *multiplex*, cinemas com várias salas de cinema (fig.2.8). Estes espaços tinham como preocupação a experiência cinematográfica. Com isso, as telas maiores e mais largas e as projeções em 3D firmaram um diferencial para os cinemas. O novo modelo de cinema foi responsável pela volta da popularização dos cinemas.

Figura 2.8 Sala de cinema do CineShow, Beiramar Shopping

2.3 Cinema e o Cenário Brasileiro

Em 1896 o cinema chegou ao Brasil, um ano após a primeira exibição mundial. Aconteceu no Cinematographo Parisiense no Rio de Janeiro, no dia 8 de julho de 1896, a primeira exibição cinematográfica em terras brasileiras (fig. 2.9). Nesta exibição foi reproduzida a primeira produção dos irmãos Lumière " Saída dos trabalhadores". Segundo Munarim (2009) com isso, o fenômeno cinema se espalhou pelo Brasil inicialmente pelas cidades de São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Belo Horizonte. Diversos galpões foram improvisados para receber as projeções.

De acordo com Munarim (2009), o cinema chega em Santa Catarina por volta de 1900, depois de alguns anos da chegada da sétima arte ao Brasil. Nesse início, as projeções eram realizadas por exibidores itinerantes. Acontece em 1900 no Teatro Frohsinn em Blumenau a primeira exibição sem caráter itinerante. Os primeiros filmes tinham características daqueles exibidos nos vaudevilles sem nenhuma conexão entre si ou narrativa. Em 1909, ano no qual o cinema se torna um sucesso através dos salões da época, um verdadeiro sucesso nas cidades.

Segundo Pires (1987), a primeira projeção em Florianópolis aconteceu no dia 21 de julho de 1900, no Teatro Álvaro de Carvalho, com um longo período de apresentações diversas, unindo cinema e demais espetáculos. Com o sucesso das projeções em 1908 o teatro abrigou a primeira sala de cinema de Florianópolis, conhecida como "Cine Teatro Variedades". Nos anos de 1920 os cinemas já haviam se disseminado pelo Estado inteiro, tanto na Grande Florianópolis como nas demais cidades como, Laguna Lages e São Francisco do Sul. Durante essa época o centro de Florianópolis chegou a abrigar mais de 10 cinemas, em que foi apelidado de "Cinelândia".

Figura 2.9 Cine Parisiense em 1907.

O cinema, os filmes e suas estrelas logo ocuparam os assuntos nas rodas de bate-papo e as notícias nos jornais, rádios e revistas. Frequentar o cinema era uma referência de bom gosto, qualidade cultural e entretenimento. As cidades ganharam novos e anônimos – porém célebres – personagens: o bilheteiro, o lanterninha, o vendedor de balas e amendoins, o pipoqueiro, o projecionista, o carregador de cartazes etc. (MUNARIM, 2009).

2.4 Cinema de rua em São José

Segundo Gerlach (2007) São José tem seu primeiro contato com o cinema em 1910 quando a Liga Josephense compra um cinematógrafo..

Apenas em 1912 ocorre a primeira exibição cinematográfica,no Theatro Municipal de São José (atual Teatro Adolpho Mello), as sessões aconteciam uma vez por semana, geralmente aos domingos (fig. 2.11). A procura pelo divertimento foi tão grande que a Liga Josephense teve que aumentar a quantidade de sessões. Em 1924 o teatro passa por uma reforma, devido a procura pelo cinema, as modificações ficaram por conta do aumento da plateia para 250 espectadores.

Em 1925 inaugura-se o Cine York uma sala de cinema localizada dentro do Teatro Municipal. Que no seu programa contava com um bar foi anexado ao cinema servindo como "foyer" do mesmo (fig. 2.12).

Antes das sessões, orquestras animavam os espectadores durante a espera do início do filme, seguindo os preceitos dos vaudevilles. Em 1936 o Cine York fecha as portas, por falta de renovação de contrato com o município.

Depois do fechamento do Cine York 3 empresas cuidaram das atividades do cinema. Em 1948 uma empresa consegue a concessão pela sala de cinema, Cine Rajá, o qual manteve suas atividades até 1951.

Segundo os moradores do Centro Histórico o cinema foi o equipamento de lazer e aprendizado mais importante das décadas de 50 e 60.

Figura 2.10 Localização Teatro Municipal onde ficava a sala de cinema e localização Cine York retomado em 1998 e encerrado em 2008.

Figura 2.11 Frequentadores do Cine York em frente ao Teatro Municipal

Em 1988 Gilberto Gerlach propõe a retomada do cinema de rua em São José, com isso constrói uma edificação onde fora denominada como o novo Cine York (fig. 2.13). A edificação de 2 pavimentos contava com uma sala de cinema e um bar, mantendo os preceitos do Cine York localizado no Teatro. A população considerava a sala de cinema do Cine York como a melhor da região. A concessão do Cine York termina em 2008, anunciando seu fim e dando lugar a um café/bar.

Figura 2.12 Bar do Cine York

Figura 2.13 Cine York em 2008, em uma nova localidade

2.5 Panorama Atual

Segundo a ANCINE (2018), o parque exibidor brasileiro finalizou o ano de 2018 com o total de 3.347 salas de cinema, ultrapassando o recorde anterior alcançado na década de 70, quando o número de salas chegou a 3.276 (Fig. 2.14). Mesmo com o aumento considerável das salas de exibição e do cinema ser uma das principais formas de lazer e cultura no Brasil, apenas 10% (373 salas) das salas estão localizadas fora dos shoppings centers.

Hoje em dia a Grande Florianópolis conta com 38 salas de exibição em 8 complexos de cinema. Apenas 4 salas funcionam fora dos famigerados shoppings centers, duas salas estão inseridas em espaços culturais como o CIC (Centro integrado de cultura) e a Fundação Cultural Badesc e as demais se localizam em espaços comerciais como (Centro Empresarial Corporate Park e Multi Open Shopping).

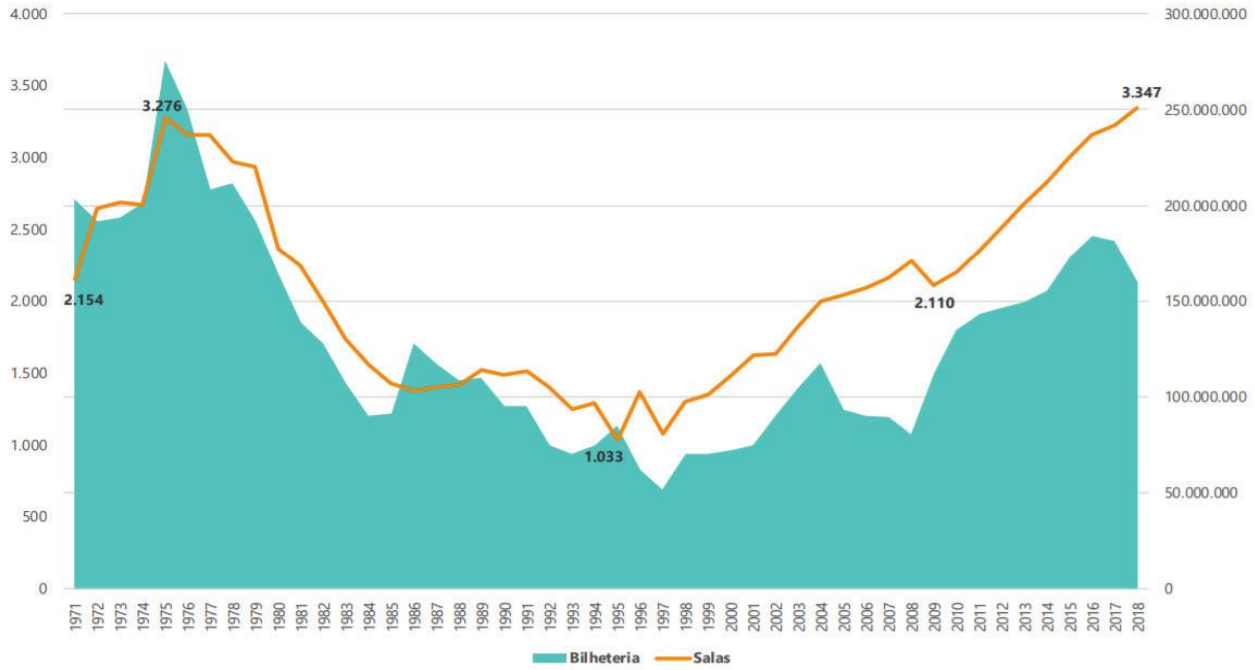


Figura 2.14 - Evolução das Salas de cinema – 1971 a 2018

São José conta com 13 salas de cinema dividas em 2 complexos de cinemas. O complexo de cinemas Cinépolis detém 8 salas de cinema no Continente Park Shopping, localizado no bairro Distrito Industrial. O outro complexo de cinemas é o Arcoplex que possui 5 salas no Shopping Itaguaçu no bairro Barreiros. Atualmente São José não conta com cinema de rua.

1- Continente Park Shopping | 2- Shopping Itaguaçu

Figura 2.15 Localização cinemas em São José

3. ASPECTOS TÉCNICOS

La La Land-Damien Chazelle

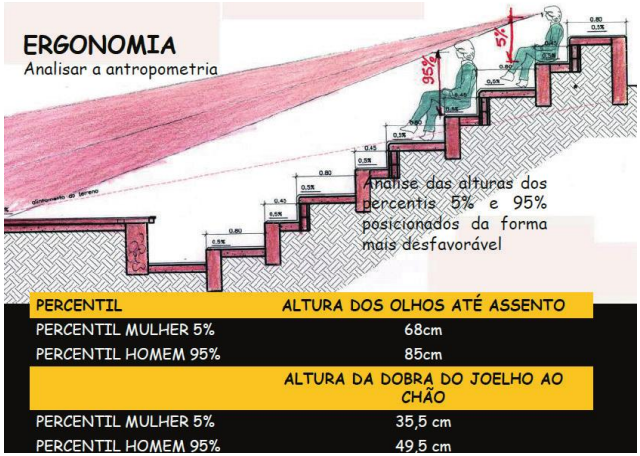
3.1 Ergonomia
3.2 Acústica
3.3 Acessibilidade
3.4 Cabine de Projeções
3.5 Segurança contra incêndio
3.6 Ventilação e ar condicionado

3.1 Ergonomia

Para uma melhor experiência de cinema é necessário prestar atenção na ergonomia do espaço, analisando alguns fatores antropométricos. Para a visibilidade do espectador não deve existir nenhum bloqueio visual, sejam eles elementos arquitetônicos ou espectadores, com isso as poltronas devem estar posicionadas em fileiras com níveis diferentes levando em conta a variação antropométrica de cada pessoa (fig. 3.1).

As poltronas devem ser dispostas de forma a se garantir um escalonamento visual igual ou, preferencialmente, superior a 0,15m (correspondente à distância entre o topo da cabeça e o nível dos olhos), considerando-se uma altura de 1,20m entre o nível dos olhos e o piso (ABNT NBR 12237:1988) (fig. 3.2). O espaçamento mínimo entre fileiras de poltronas é medido do encosto de uma fileira até o encosto da próxima e deve ser de 1,00m.

O ângulo das projeções não deve ser exagerado, pois há chances de distorcer as imagens. Com isso as poltronas devem estar posicionadas em uma área limitada por dois planos que façam um ângulo de 110° com as extremidades da tela. (NBR 12237).



PERCENTIL	ALTURA DOS OLHOS ATÉ ASSENTO
PERCENTIL MULHER 5%	68cm
PERCENTIL HOMEM 95%	85cm
	ALTURA DA DOBRA DO JOELHO AO CHÃO
PERCENTIL MULHER 5%	35,5 cm
PERCENTIL HOMEM 95%	49,5 cm

Figura 3.1 Esquema ergonomia

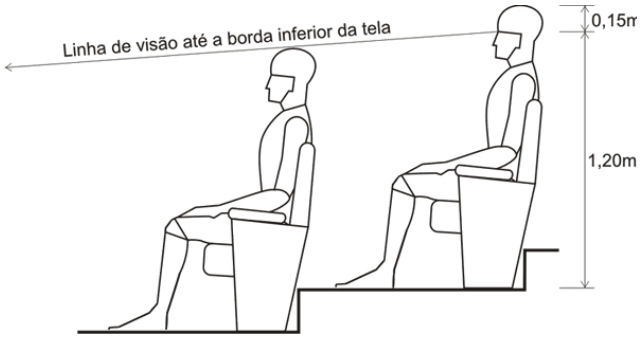


Figura 3.2 Escalonamento visual

Segundo a NBR 12237 Projetos e instalações de salas de projeção cinematográfica, as telas de cinema podem ser planas ou curvas neste caso será utilizada a tela plana . A dimensão da tela define as proporções adequadas para a sala, distâncias mínimas e máximas da tela de projeção até as poltronas de modo que as imagens não fiquem pequenas e nem tão próximas. Assim, suas dimensões devem ser definidas em função das dimensões do local ou vice-versa (fig. 3.3). Com isso a distância mínima entre a tela e a primeira fileira deve ser maior ou igual a 60% da largura da tela:

Dmin= 0,6 x L
Dmáx.rec.= 2 x L
Dmáx.ac. =2,9 x L

Atrás das telas de cinema existe um espaço onde ficam algumas caixas de som, esse espaço possui 1,0 a 1,5m de largura, por isso as telas devem ser constituídas por micro furos em toda sua superfície, para que assim a tela não trepide por causa das ondas sonoras.

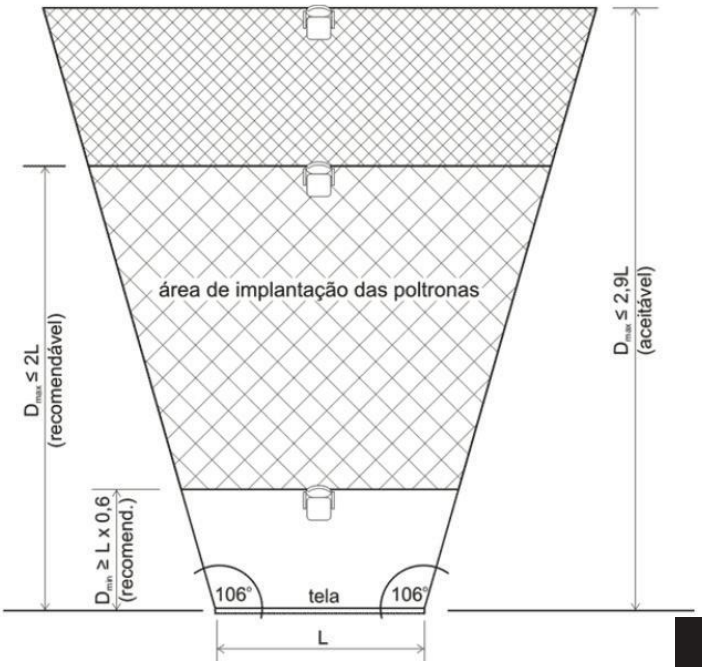


Figura 3.3 Área de implantação de poltronas em relação a tela

3.2 Acústica

Assim como a preocupação com a qualidade da imagem, a qualidade do som é fundamental para garantir a projeção adequada de um filme. Tal garantia precisa assegurar que os sons externos não penetrem na sala de cinema e interfiram no áudio do filme e também que o som produzido seja ouvido por outros todos os espectadores na sala. Com isso pode-se dizer que não ouvimos apenas o som reproduzido pelas caixas de som, mas sim a relação dos sons com os atributos acústicos da sala, fator determinante por dois pontos, isolamento de ruídos e acústica da sala.

O objetivo principal do isolamento de ruídos é afirmar que não exista inserção de sons externos nas salas de cinema. De acordo com a norma NBR 12179, o nível máximo de ruídos é de NC 30, garantindo que os espectadores ouçam todos os sons até mesmo os mais sutis (fig. 3.4). Para uma melhor solução acústica em uma sala de cinema á necessário utilizar a proporção áurea, garantindo o volume ideal entre espectador e ambiente.

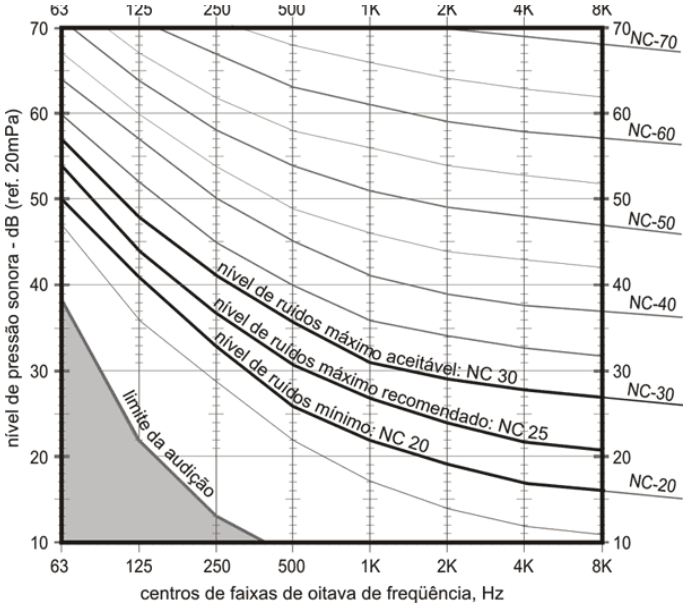


Figura 3.4 Gráfico Curvas NC

Outro aspecto importante sobre acústica é a escolha dos materiais do teto, chão, paredes e poltronas, que ajudam a reduzir a reverberação dos sons, principalmente nas paredes onde as salas são posicionadas lado a lado. Os materiais ideais são, espumas, carpete e materiais porosos, como madeira, painéis de lã entre outros materiais determinados pela norma NBR 12179 - Tratamento acústico de recintos fechados. Além da escolha dos materiais internos existe uma preocupação na escolha dos materiais externos do cinema, os mesmos devem ser sólidos e densos, por oferecerem uma maior resistência quanto aos ruídos.

Um último ponto sobre acústica é a reverberação dos sons que nada mais é o tempo que o som permanece em um ambiente depois de ser emitido. Quanto maior for a duração do som em um ambiente maior será o tempo de reverberação. Para fins audiovisuais, que dependem da compreensão de diálogos dos filmes, necessitam de um tempo menor de reverberação. O tempo de reverberação em um ambiente leva muito em conta a localização dos revestimentos no seu interior (fig. 3.5).

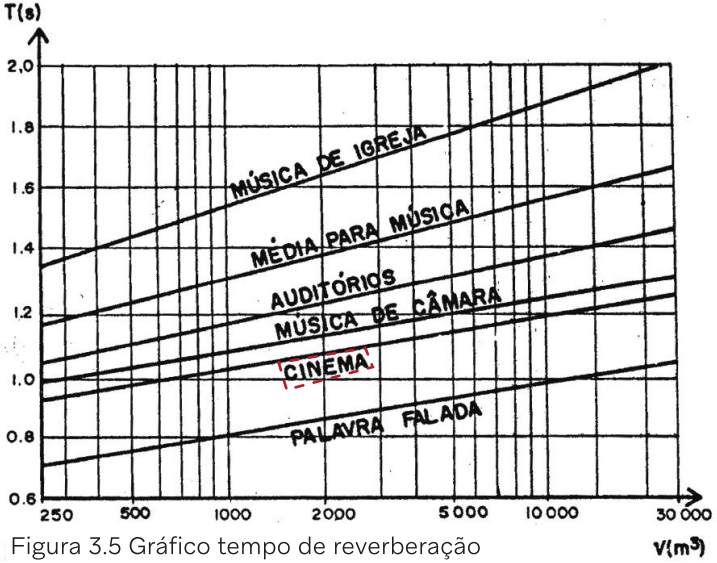


Figura 3.5 Gráfico tempo de reverberação

3.3 Acessibilidade

Segundo a NBR 9050 (2015), é necessário que haja uma certa quantidade de poltronas para idosos|PMR (pessoas com mobilidade reduzida), PCR (pessoas em cadeira de rodas) e PO (pessoas obesas). Com isso os ambientes devem respeitar os seguintes critérios:

I. estar localizados em uma rota acessível vinculada a uma rota de fuga;
II. estar distribuídas pelo recinto, recomendando- se que sejam nos diferentes setores e com as mesmas condições de serviços;
III. estar localizadas junto de assento para acompanhante, sendo no mínimo um assento e recomendável dois assentos de acompanhante;
IV. garantir conforto, segurança, boa visibilidade e acústica;
V. estar instaladas em local de piso plano horizontal;
VI. ser identificadas por sinalização no local e na bilheteria;
VII. estar preferencialmente instaladas ao lado de cadeiras removíveis e articuladas para permitir ampliação da área de uso por acompanhantes ou outros usuários.

A norma disponibiliza a quantidade de espaços para pessoas com necessidades especiais, em relação a quantidade de assentos na sala de cinema (fig. 3.6).

Outro ponto de extrema importância é a localização dos espaços P.C.R e assentos P.M.R e P.O. Segundo a NBR 9050, em cinemas, a distância mínima para a localização dos espaços para P.C.R. e os assentos para P.M.R. deve ser calculada traçando-se um ângulo visual de no máximo 30° a partir do limite superior da tela até a linha do horizonte visual com altura de 1,15 m do piso (fig. 3.7).

Capacidade total de assentos	Espaços para P.C.R	Assento para P.M.R	Assento P.O.
Até 25	1	1	1
De 26 a 50	2	1	1
De 51 a 100	3	1	1
De 101 a 200	4	1	1
De 201 a 500	2% do total	1%	1%
De 501 a 1 000	10 espaços, mais 1% do que exceder 500	1%	1%
Acima de 1 000	15 espaços, mais 0,1% do que exceder 1 000	10 assentos mais 0,1% do que exceder 1 000	10 assentos mais 0,1% do que exceder 1 000

Figura 3.6 Tabela quantidade de assentos

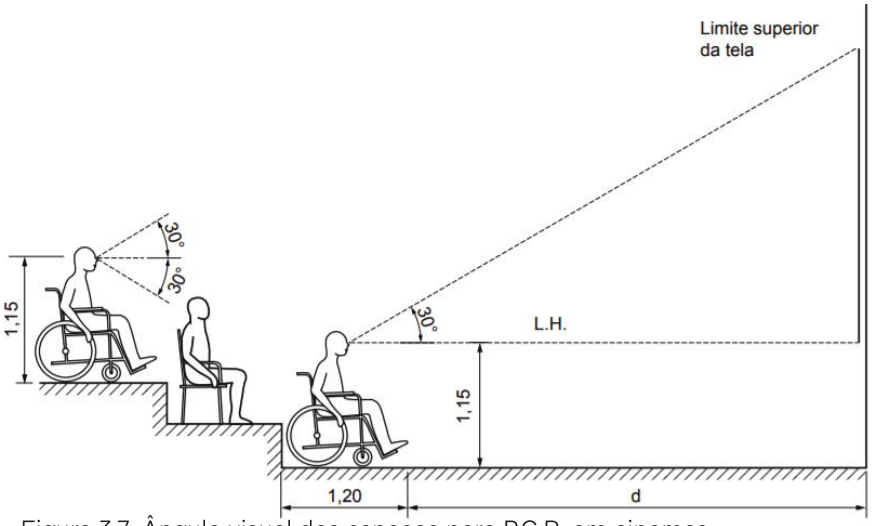


Figura 3.7 Ângulo visual dos espaços para P.C.R. em cinemas

3.4 Cabine de Projeções

As cabines de projeções ficam localizadas ao fundo e em um nível mais alto em relação às salas de cinema. Nesta sala se encontram o projetor e amplificadores de som, atualmente com a chegada dos projetores digitais, não há necessidade de ter um projecionista, hoje é preciso somente de um técnico para fazer manutenção e programação dos filmes.

Pelo fato de não haver mais necessidade de um projecionista presente na cabine de projeções, a mesma pode ser apenas um ambiente de 2,00x3,00. Neste espaço é preciso um duto de ventilação para conduzir o calor do projetor para fora da sala e um bom sistema de ar-condicionado para que o projetor funcione de maneira correta.

Segundo a ABCine a altura do feixe de projeção em relação ao plano de poltronas deve ser igual ou superior 1,90 m (fig. 3.8).

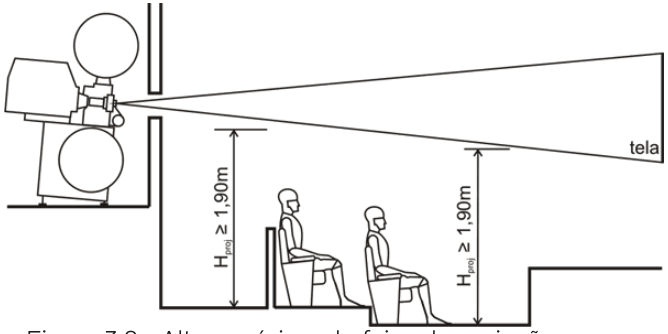


Figura 3.8 - Altura mínima do feixe de projeção.

3.5 Segurança contra incêndio

De acordo com as normativas dos Bombeiros de Santa Catarina IN -09, as salas de cinema de até 100 m² precisam de duas portas de saída, sendo que uma delas deverá ter a largura mínima de 1,20m, em direções opostas.

As salas com área construída maior que 100m² e até 400 m² deverão possuir no mínimo duas portas de saída, sendo que uma delas deverá ter 2m de largura no mínimo. Em locais de reunião de público que é o caso das salas de cinema as circulações devem ser de no mínimo 1,65m.

Segundo a IN - 18 Normativa dos Bombeiros de Santa Catarina todos os materiais inseridos nas salas de cinema deverão ter características anti-chamas, desde o revestimento do chão até o teto, incluindo as poltronas.

3.6 Ventilação|Ar condicionado

Como as salas de cinema possuem necessidade de isolamento de ruídos e de luminosidade isso implica na retirada de qualquer abertura voltadas para o exterior. A Partir disso a única maneira de renovação de ar é através de sistemas mecânicos, em conjunto com os aparelhos de condicionamento de ar. Para isso é necessário seguir as instruções determinadas pela norma técnica NBR 6401 "Instalações centrais de ar condicionado para conforto".

Com as instruções disponíveis nas normas referentes ao ambiente cinema é possível projetar uma sala de cinema de qualidade e que seja capaz de permitir uma experiência única de lazer e cultura.

Cinema, elemento instrínseco
à narrativa da cidade

Fonte: Jeff Pierre - Unplash

4. INTERVENÇÕES EM CENTROS URBANOS

Clube dos 5-John Hughes

Centros urbanos podem ser definidos como os locais com mais vitalidade e que demandam mais dinamismo na cidade. Nesses espaços concentram-se grande fluxo de pessoas e diversos elementos culturais como edificações históricas, culturais, instituições religiosas e públicas, habitações e espaços públicos. De acordo com Vargas e Castilho (2009) "transformando-se no referencial simbólico das cidades". Com a presença de todas essas atividades e funções, a centralidade do espaço se fortalece e é através da intensidade e da diversidade de usos que se realça a vida urbana nos centros.

O crescimento das cidades e a expansão urbana ocasionaram o surgimento de subcentros. Segundo Vargas e Castilho, esses são um dos principais agentes que intensificaram a deterioração e degradação dos centros urbanos. Em São José, com o surgimento de novos loteamentos, desenvolvimento urbano pela faixa litorânea aumentou, destacando novos subcentros, que foram responsáveis pela degradação dos centros urbanos.

Os centros urbanos têm extrema importância quando o assunto é identidade urbana, por se tratarem de áreas que abrigam cultura e história, assim como a relação de moradores e frequentadores do centro da cidade. Os espaços públicos são elementos de extrema importância para a cidade, pois é através dele que acontece a integração e a convivência entre as pessoas, visto que esses são os protagonistas do uso e ocupação da cidade.

> Muito mais do que um espaço urbano fechado, recortado por ruas e avenidas, construído com blocos de concreto e lajes de aço... a dominar todas as paisagens, a cidade é um território de relações no qual cada cidadão/-cidadã busca satisfazer suas necessidades e realizar seus quereres. (...). É uma realidade viva, pulsante. Ela é composta e compõe uma rede de fluxos de pessoas, mercadorias, matérias (...) energias em constante movimento (JACOBS, 1961, apud LOPES, p.5-6)

Segundo Gerlach (2018), as novas centralidades provocam modificações na estrutura urbana da cidade, representadas pelos subcentros e áreas comerciais. Em São José confirma-se a posição de centralidade dos bairros Kobrasol e Campinas, tanto no nível político institucional, com a implantação do Centro Administrativo, como também no nível econômico. Deste modo, ocorre a perda gradual das características que mantinham o Centro Histórico como urbano e econômico.

Considerando a perda de centralidade, o Centro Histórico passa a abrigar menos funções que antigamente. O bairro entra em decadência e suas edificações se encontram em situação crítica, resultando no desuso do espaço público pela falta de equipamentos e atividades. Em 2005 algumas medidas foram tomadas, como o tombamento de edificações. Já no ano de 2014 a praça central recebe atividades do setor gastronômico.

Com essas modificações entende-se que ainda há um grande potencial local e a necessidade de intervenções, devido à degradação urbana com o passar do tempo.

Intervir nos centros urbanos pressupõe não somente avaliar sua herança histórica e patrimonial, seu caráter funcional e sua posição relativa na estrutura urbana, mas principalmente, precisar o porquê de se fazer necessária a intervenção. (VARGAS; CASTILHO . Intervenções em Centros Urbanos P.3)

Portanto, a revitalização de centros urbanos busca uma melhoria na cidade, a qual conserva sua história, criando um sentimento de pertencimento que era visto de forma fragmentada. Também presume-se a reutilização de seus edifícios, valorizando o patrimônio construído, por fim, a recuperação busca implantar atividades para turistas, moradores e investimentos que estimulem a economia urbana em centros históricos.

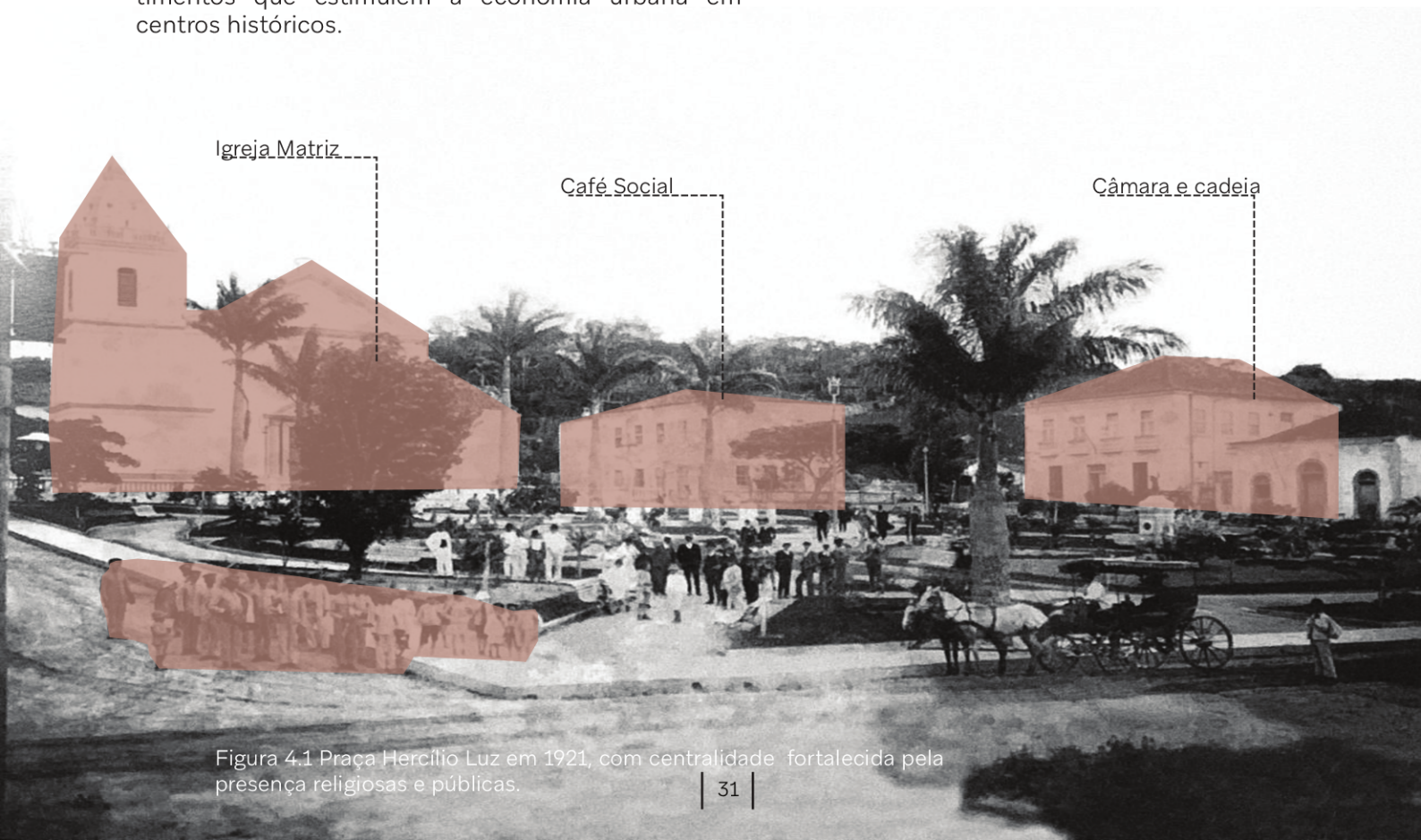


Figura 4.1 Praça Hercílio Luz em 1921, com centralidade fortalecida pela presença religiosas e públicas.

5. REFERENCIAIS PROJETUAIS

Cantando na chuva-Gene Kelly, Stanley Donen

5.1 Gaumont-Pathé Alésia Cinemas
5.2 Cinema Arcadia

5.1 Alésia Cinema

Manuelle Gautrand Architecture | Paris | FR | 2016

O Cinema Alésia faz parte de uma cadeia de Cinemas da rede Gaumont Pathé se encontra em Paris, o qual é resultado da proposta de renovar uma edificação que esteve existente no local, atualmente onde é localizado o cinema. O objetivo do projeto é transformar os cinemas em espaços culturais de alta qualidade, animados dia e noite. Mesclando diversos eventos culturais com o cinema.

Figura 5. 1 Fachada Principal Alésia Cinema

O cinema é localizado a beira de um amplo espaço público, a fachada principal voltada para o oeste está enquadrada por dois edifícios, ambos com arquiteturas de caráter histórico. Porém o cinema se mantém em constante relação com estas edificações por respeitar suas alturas e se adequar aos cheios e vazios. O foyer é utilizado como elemento importante de integração entre edificação e espaço externo também como espaço de convívio entre pessoas.

O acesso principal é no nível térreo, onde acontece a fachada principal em painéis de led, no térreo se encontram espaços de estar, quiosques de alimentação, bilheteria e sanitários. O foyer existe nos 4 pavimentos um espaço de integração que dão acesso às salas de cinema, além dos mezaninos na fachada principal que permite m vista para o espaço público. O complexo conta com 4 salas de cinema nos 3 pavimentos, além de outras 4 no subsolo.

Figura 5. 2 Térreo

Figura 5. 3 Alésia Cinema

O sistema construtivo é dado por estrutura metálica com fechamento em placas cimentícias, fachada principal com painéis de led. Segundo os arquitetos, a escolha do tipo de estrutura foi devido a necessidade de vencer grandes vãos para as salas de cinema.

1 Sala de cinema
2 Cabine de projeções
3 Foyer
4 Lobby

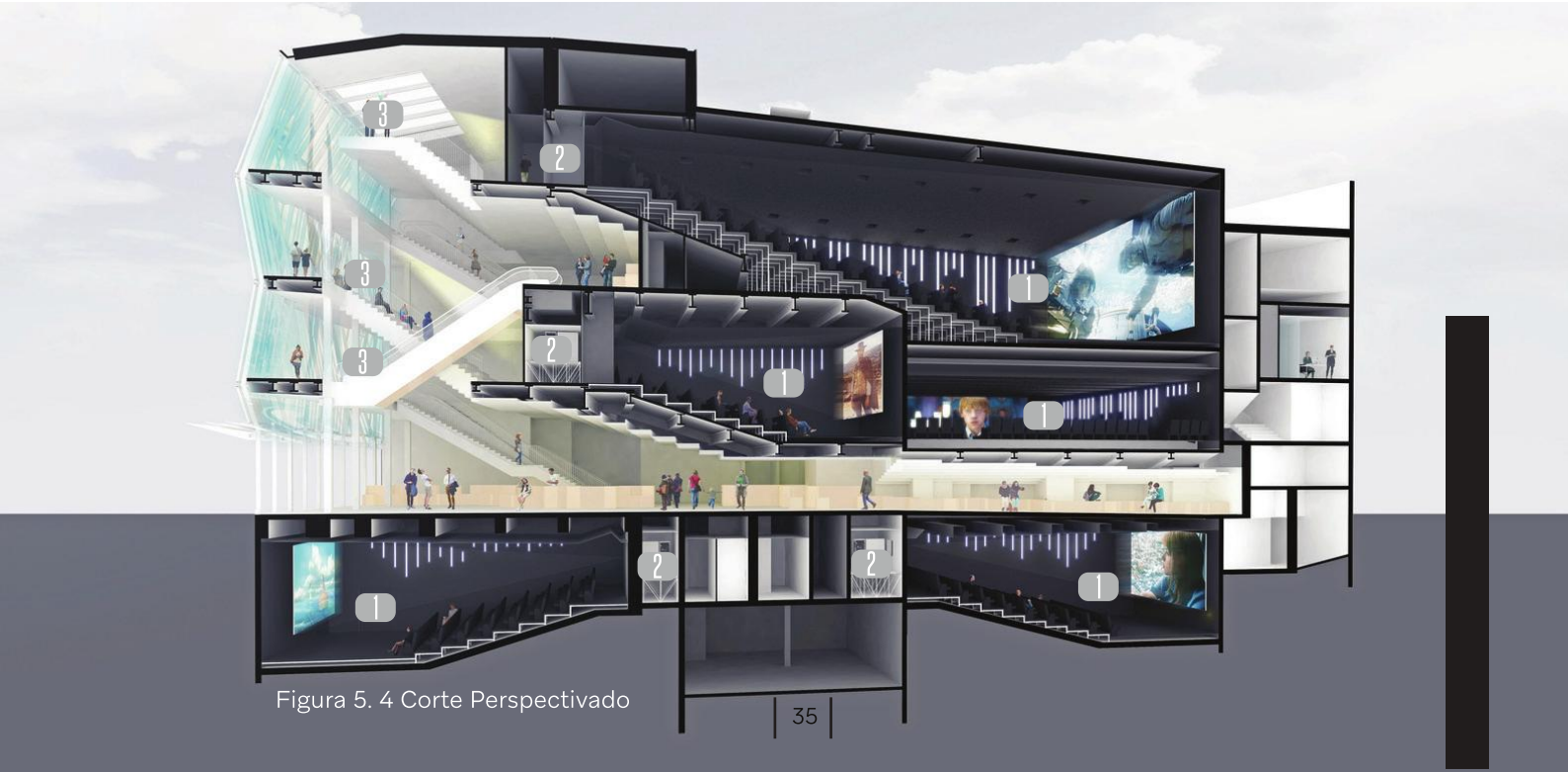


Figura 5. 4 Corte Perspectivado

5.2 Cinema Arcadia

TRACKS| Riom | FR | 2018

O cinema Arcadia localiza-se próximo ao Centro Histórico da cidade de Riom, na França. O projeto acontece no futuro local do "Jardim da Cultura", onde atualmente existem edificações com diversos programas relacionados a cultura como, biblioteca, escola de música e o cinema.

O projeto possui apenas um pavimento e consiste em três salas de cinema, uma grande, média e uma pequena, com respectivamente 298, 143 e 102 lugares. Conta também com uma sala de conferências com 112 lugares.

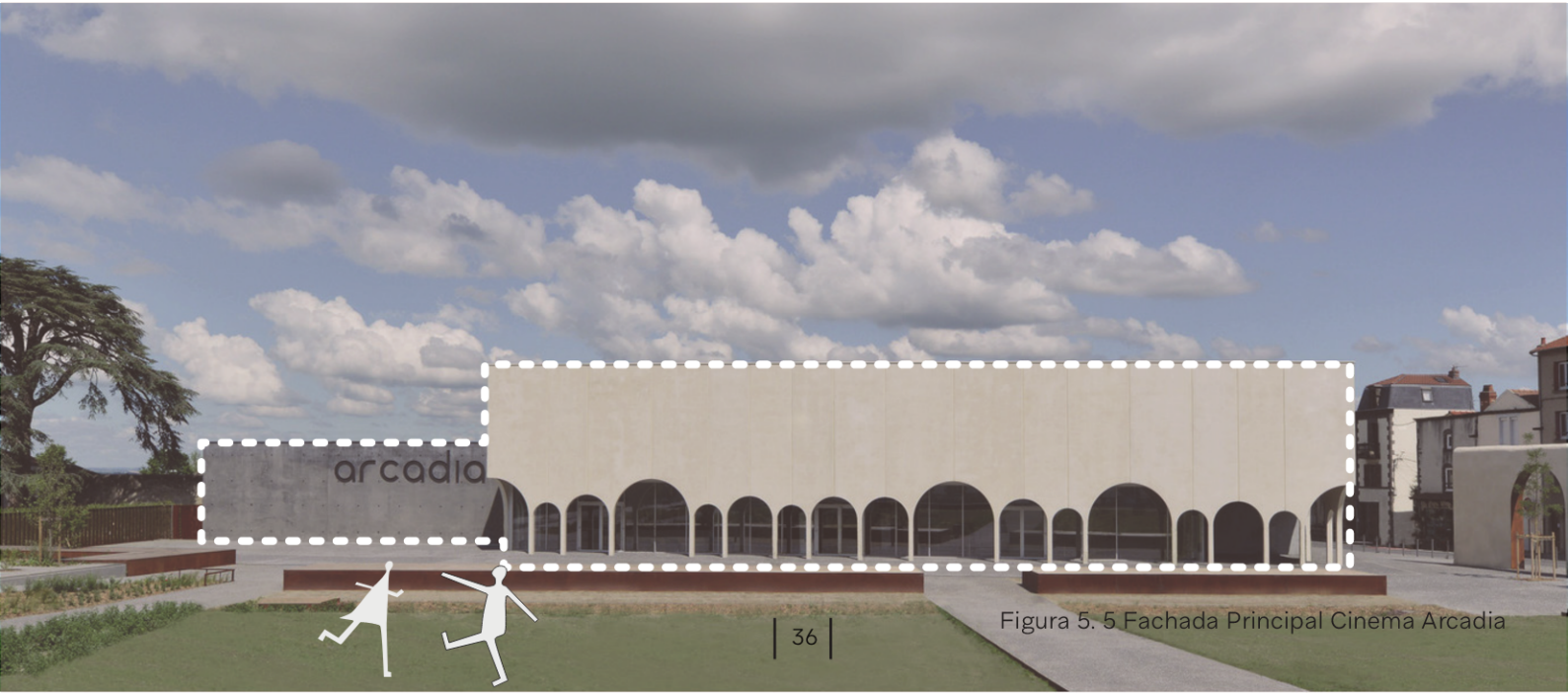


Figura 5. 5 Fachada Principal Cinema Arcadia

A volumetria é composta por dois blocos com alturas distintas, o primeiro volume onde são localizadas duas salas de cinema, dialoga com as alturas das edificações adjacentes, sua fachada principal é uma parede cega com texturas que lembram a construção tradicional do local. O segundo volume, possui sua fachada principal virada para o "Jardim da Cultura", sua sucessão de arcos é um convite para adentrar no cinema.

O acesso principal se dá pelo bloco mais alto, onde se encontra um espaço para exposições e bilheteria. Para acessar as salas de cinema, o espectador passa por um corredor em volta da sala de conferência.

Figura 5. 6 Lobby Cinema Arcadia

Figura 5. 7 Fachada Principal Cinema Arcadia

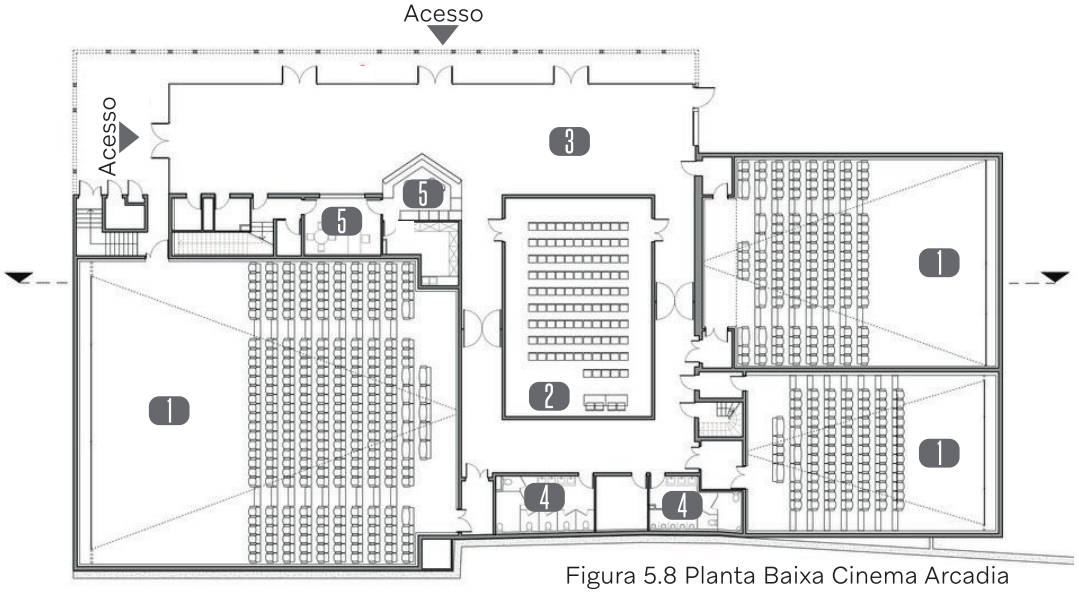


Figura 5.8 Planta Baixa Cinema Arcadia

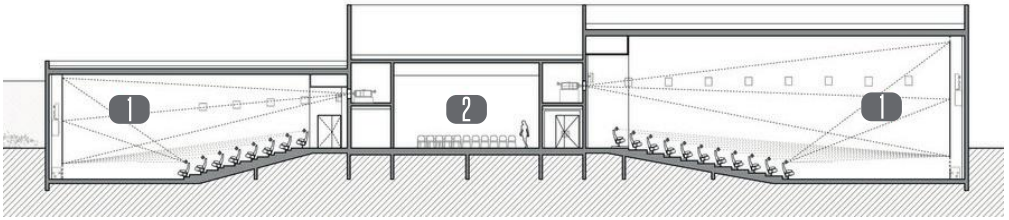


Figura 5.9 Corte Cinema Arcadia

O sistema construtivo adotado neste projeto foi concreto armado em ambos os blocos, no bloco mais a esquerda possui fechamento com uma liga de concreto e pedra vulcânica enquanto o bloco mais a direita tem seu fechamento composto por placas cimentícias.

1. Sala de cinema
2. Sala de conferências
3. Lobby
4. Sanitários
5. Serviços

Vista aérea Igreja Matriz
Centro Histórico de São José
Fonte: Prefeitura de São José

LYNCH, Kevin . "A imagem da Cidade. "Um ambiente característico e legível não oferece apenas segurança , mas também intensifica a profundidade e a intensidade da experiência humana. A cidade é potencialmente o símbolo poderoso de uma sociedade complexa. Se for bem desenvolvida no ponto de vista óptico, pode ter um forte significado expressivo. "

6. ESTUDOS DE CASO

6.1 Cinema do CIC
6.2 Cinesystem

6.1 Cinema CIC

Como estudo de caso, foi utilizado o cinema do Centro Integrado de Cultura (CIC), que concentra diversas manifestações culturais, tais como, teatro, museus, cinema, oficinas, bar e a administração de órgãos públicos ligados à cultura (fig.6.1).

O CIC possui uma área de aproximadamente 10 mil metros quadrados, localizado no bairro Agronômica, uma das regiões mais agitadas de Florianópolis, com bares, comércios, e próximo às duas universidades públicas.

Dentre os espaços se destacam o Teatro Ademir Rosa, com capacidade para 956 pessoas e o Museu de Arte de Santa Catarina (MASC), com uma área de 1.980 metros quadrados de obras dos principais artistas catarinenses contemporâneos.

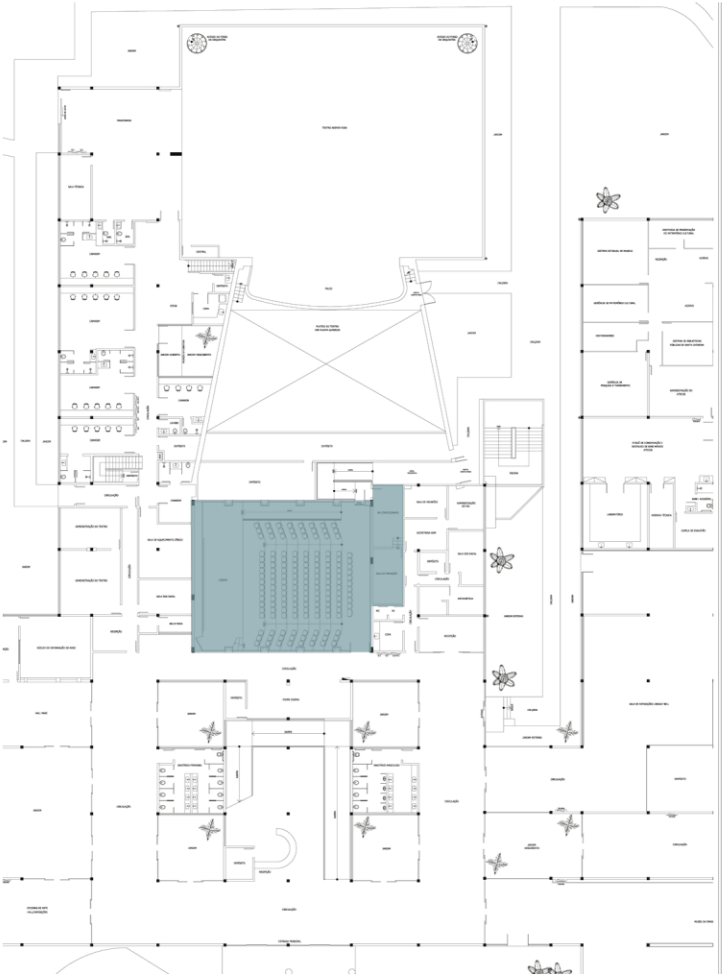


Figura 6.1 Planta Geral Ala Central CIC
Localização cinema dentro do CIC

O cinema do CIC possui programação semanal, exibindo filmes selecionados pelos parceiros do curso de Cinema da UNISUL (Universidade do Sul de Santa Catarina) e da Mostra de Cinema Infantil.

Em 2011, o cinema sofre uma reforma que teve como peça chave a necessidade de espaços especiais atendendo às normas de acessibilidade com poltronas para pessoas obesas e com mobilidade reduzida, além de espaços para cadeirantes e seus acompanhantes localizados no fundo da sala diferente das demais salas de cinema encontradas pela região (fig. 6.2).

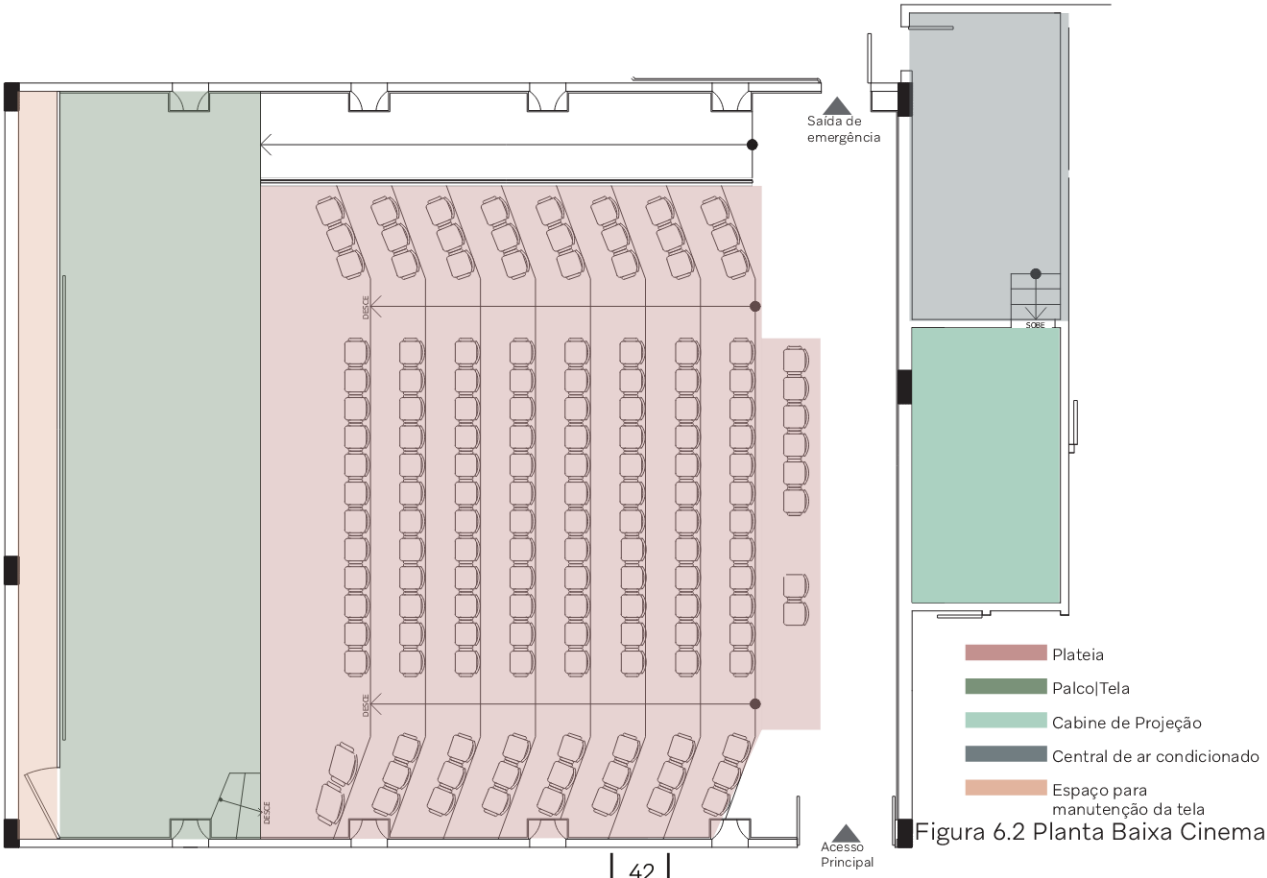


Figura 6.2 Planta Baixa Cinema do CIC

A sala de cinema, com 205 metros quadrados tem capacidade para 137 pessoas (fig. 6.3), conta com duas poltronas para pessoas obesas localizadas à frente e quatro espaços para cadeirantes e seus acompanhantes no fundo da sala. As poltronas estão dispostas em três setores de plateia. A rampa lateral dá acesso apenas ao palco, impossibilitando o cadeirante de se acomodar à frente da plateia.

O ambiente também conta com uma saída de emergência onde se dá acesso a central de ar condicionado do cinema e logo dá acesso a cabine de projeções.

A sala possui isolamento acústico nas paredes com espuma revestidas por placas de gesso envoltas de um tecido poroso e no piso, carpete. A cabine de projeções se localiza no fundo da sala, onde encontram-se os aparelhos de projeção e som, a sala possui o mesmo isolamento acústico da sala de cinema (fig. 6.4).

Figura 6.3 Sala de cinema CIC

A sala possui isolamento acústico nas paredes com espuma revestidas por placas de gesso envoltas de um tecido poroso e no piso, carpete. A cabine de projeções se localiza no fundo da sala, onde encontram-se os aparelhos de projeção e som, a sala possui o mesmo isolamento acústico da sala de cinema (fig. 6.4).

Apesar de o ambiente ter sofrido uma reforma para se adequar às normas de acessibilidade, ainda existem pontos que não foram estabelecidos corretamente, como a localização das poltronas de pessoas obesas, existem apenas duas poltronas e as mesmas uma do lado da outra impossibilitando que a pessoa escolha outro lugar para apreciar o filme (fig 6.5).

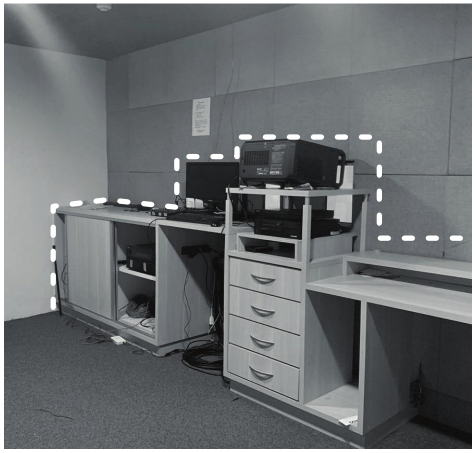


Figura 6.4 Cabine de projeções

Figura 6.5 Plateia do cinema

6.2 Cinesystem

Como segundo estudo de caso foi escolhido o cinema *multiplex* Cinesystem, localizado no terceiro pavimento do *Shopping* Iguatemi, no bairro Santa Mônica em Florianópolis (fig. 6.6). O programa do cinema conta com com 7 salas de cinema, sendo uma sala denominada a maior sala de cinema e tela de Santa Catarina, 3 salas do tipo "*premium*" com poltronas mais confortáveis e reclináveis e 3 salas convencionais (fig. 6.7). O Cinesystem conta com bomboniere, bilheteria, foyer, sanitários e espaços para administração.

Figura 6.6 Saguão Cinesystem, no Shopping Iguatemi

Figura 6.7 Foyer Cinesystem

A maior das salas de cinema é a Cinepic possui capacidade para 417 espectadores e com uma tela que vai do teto ao chão de 180 metros quadrados aproximadamente. Esta sala conta com um sistema de som que circunda a sala, com aparelhos de som em todas as paredes incluindo atrás da tela e no teto, alcançando uma experiência única de cinema (fig 6.8). As poltronas das laterais são dispostas na diagonal para melhor amplitude visual da tela. Logo na primeira fileira de poltronas encontram-se seis espaços para cadeirantes intercalados com poltronas.

As salas "premium" possuem capacidade para 284 lugares, contam com uma tela menor (fig. 6.9). Assim como nas demais salas os espaços para cadeirantes são localizados na primeira fileira com uma distância de 10 metros aproximadamente da tela. O que se torna um segregador de público impossibilitando o cadeirante escolher um lugar para assistir um filme. Ao entrar na sala se passa por uma antecâmara que dá acesso às poltronas com total acessibilidade.

Figura 6.8 Sala Cinépic

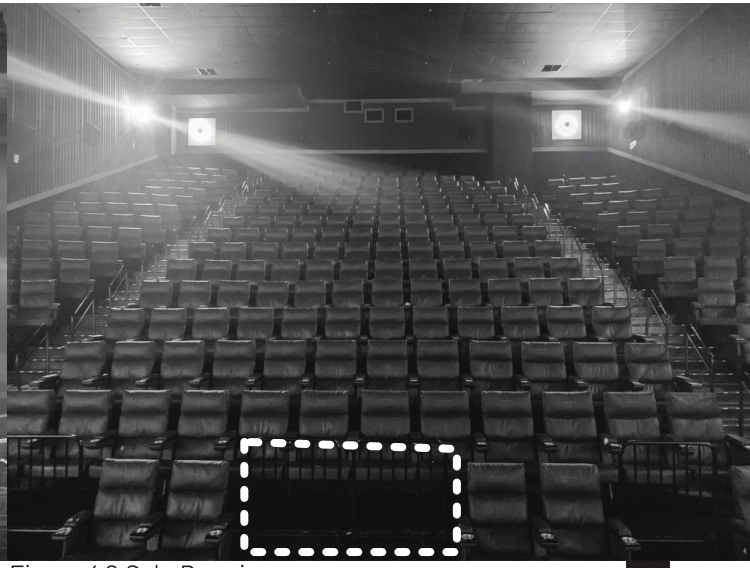


Figura 6.9 Sala Premium

As salas convencionais possuem capacidade para 200 pessoas, com uma tela de 5 x 12 metros e duas saídas de emergência localizadas no meio da sala, uma de frente para outra (fig. 6.10). Todas as salas dispensaram o uso de hidrantes para dar lugar aos sprinklers. Assim como as demais salas, o revestimento do piso é vinílico anti-chamas e antiderrapante. As paredes são revestidas por uma espuma para isolamento acústico e forradas com tecidos porosos, pela norma todos os materiais presentes na sala devem ser anti-chamas.

Atrás das telas de cinema localizam-se algumas caixas de som. Por isso as telas devem ter furos por toda sua superfície para que assim a tela não oscile por causa das ondas sonoras. Para fixar as telas são utilizados espécie de andaimes e neles são posicionadas as caixas de som. Deve-se prever um espaço nas laterais da tela para manutenção das caixas de som (fig. 6.11).

Figura 6.10 Sala Convencional

As cabines de projeção abrigam os aparelhos de projeção e de som e estão situadas em um nível mais alto que a última fileira de poltronas. As cabines de projeções do Cinesystem ficam fora do complexo, são localizadas em um nível acima de onde está multiplex, no pavimento de garagem. As cabines de projeção possuem aproximadamente 1,10 x 1,10 metro, onde ficam o projetor, os amplificadores de som e um espaço coerente para um técnico fazer alguma manutenção nos aparelhos, já que atualmente não existe a necessidade de ter um projetor presente durante as sessões.

Nas cabines é preciso que tenha junto ao projetor um duto de ar para conduzir o calor da lâmpada do projetor para fora da sala e um sistema de ar-condicionado, para que o projetor funcione de maneira correta, o ambiente onde está inserido deve estar sempre em 23°C . A janela por onde passa a luz do projetor precisa ter te no mínimo 15° de inclinação, assim evitando que haja reflexão da luz oriunda do projetor no vidro da janela (fig 6.12).

Os projetores possuem um sistema "no break", caso haja uma queda de energia, no qual permanece ligado durante 30 minutos, tempo suficiente para que o técnico vá até a sala de projeção para desligar o aparelho de forma correta.

Figura 6.12 Cabine de projeção e duto condutor de ar quente

Ainda que as salas de cinema estejam de acordo com as normas de acessibilidade, ainda existem algumas ressalvas quanto ao posicionamento dos espaços para cadeirantes. Geralmente os locais para P.C.R. são nas primeiras fileiras, com péssima visibilidade e lado a lado, impossibilitando o poder de escolha.

Fonte: Nahuel Maretich - Unplash

7. Diagnóstico

Laranja Mecânica-Stanley Kubrick

7.1 Localização|Contexto Urbano
7.2 Contexto Histórico
7.3 Sistema Viário
7.4 Morfologia Urbana
7.5 Cheios e Vazios
7.6 Usos
7.7 Aspectos Legais
7.8 Patrimônio Histórico
7.9 Fluxos Peatonais
7.10 Proposta Existente
7.11 Aspectos Climáticos
7.12 Síntese de Leitura

7.1 Localização

Figura 7.1 Localização

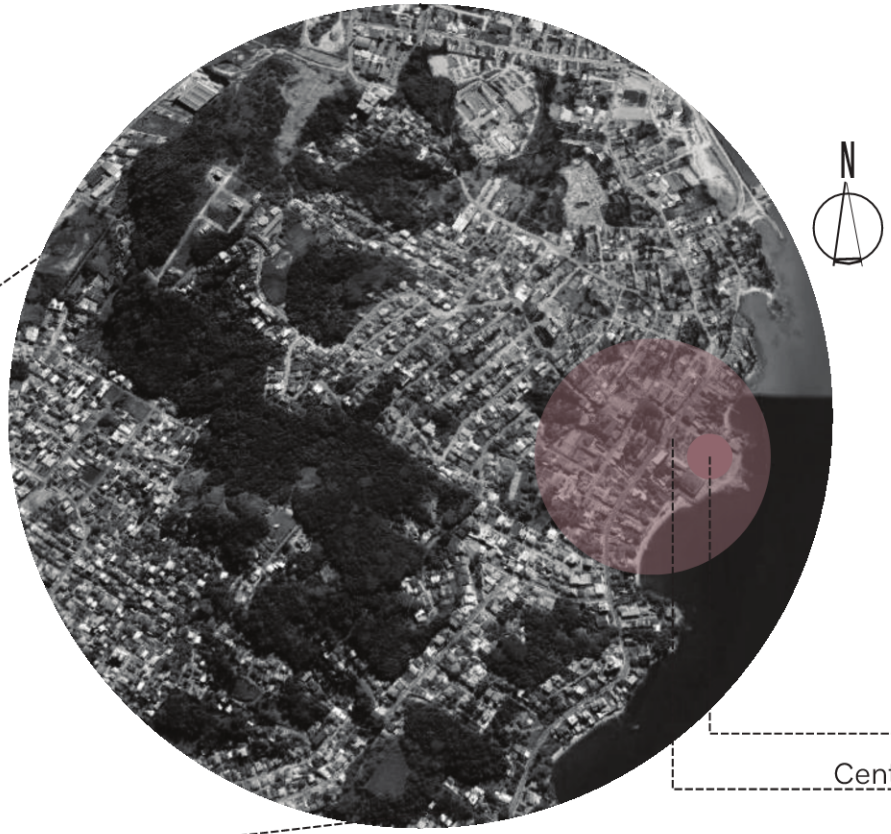


Figura 7.2 Localização Centro Histórico

Localizado na área central do município, São José faz divisa com os municípios de Palhoça - à esquerda - e Florianópolis - mais à direita -.Com seu limite banhado pela Baía Sul, o Centro Histórico de São José é o ponto mais antigo da cidade, local onde se abriga a história e cultura do município.

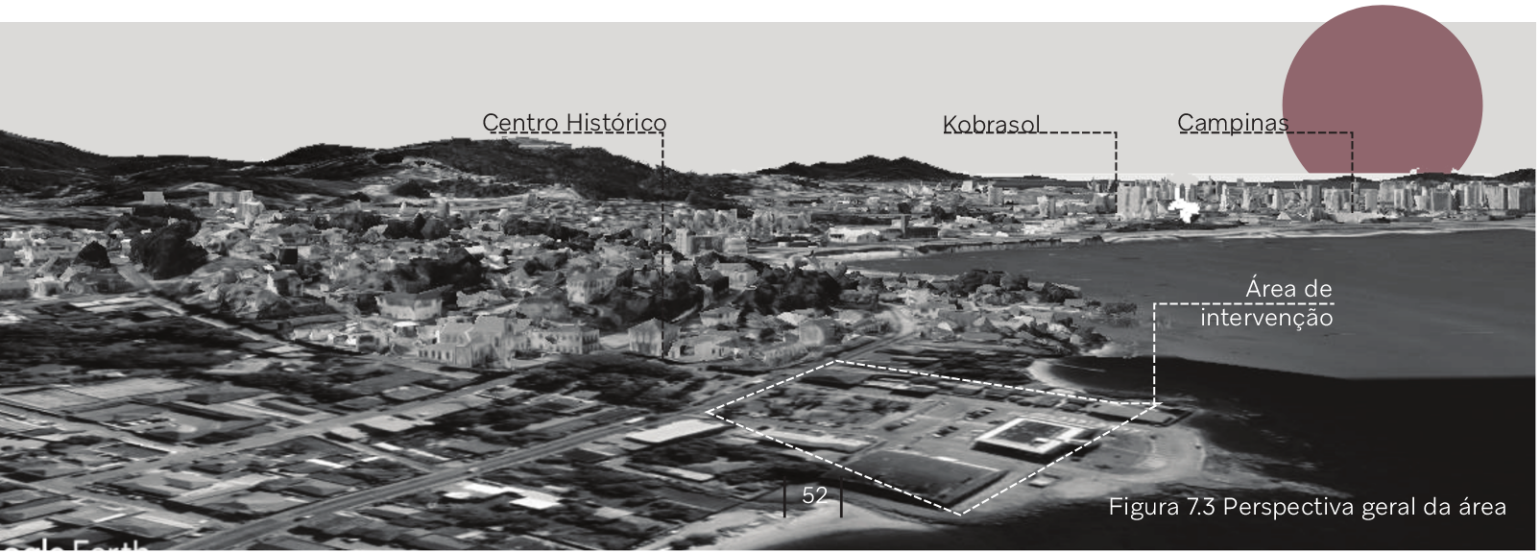


Figura 7.3 Perspectiva geral da área

7.2 Contexto Histórico

1750

De acordo com Gerlach (2007), São José da Terra Firme foi fundada em 19 de março de 1750. Sua ocupação inicial se deu em uma enseada na Baía Sul, local atualmente ocupado pelo Centro Histórico da cidade. A disposição dos lotes se limita pela orla marítima em uma das extremidades da Praça Hercílio Luz, enquanto o lado oposto se divide em espaço público e demais lotes. A delimitação desses lotes foi traçada a partir da configuração espacial de três elementos: capela, praça e trapiche - modelo de ocupação de áreas centrais litorâneas portuguesas.

O trapiche tem grande relevância para o planalto serrano desde sua construção, com função de carga e descarga de produtos durante o século XIX, caracterizando a região como uma grande economia da época através da baldeação. A cidade, que se estabelece durante 50 anos em período de riqueza, passa então por uma série de transformações no espaço urbano.

1850

No ano de 1850, importantes edificações públicas e institucionais foram locadas no entorno da Praça Hercílio Luz, como os três poderes, atividades culturais, religiosas e importantes casarões, presentes até os dias atuais na paisagem urbana do Centro Histórico. Nos dez anos posteriores, a área do entorno da praça possuía importantes aspectos de centralidade, permanecendo sem grandes alterações até o início do século XX.

Figura 7.4 Praça Hercílio Luz e ao fundo campo de futebol

1970

É a partir dos anos 70 que a área começa a ganhar notoriedade com transformações a partir da expansão dos limites urbanos do bairro que atingiram diretamente o Centro Histórico. A construção da Prefeitura (atual Câmara dos Vereadores) e do Ginásio de Esportes (demolido no ano de 2019) que encontram-se como bloqueios entre a praça e o mar, descaracterizam o conceito de praça litorânea aplicado durante a ocupação da baía. Com essas modificações, inicia-se uma nova dinâmica urbana que resulta no declínio de manifestações religiosas, resultando na perda do patrimônio imaterial do espaço.

Figura 7.5 Construção da prefeitura de São José em 1974

2001

No ano de 2001, os poderes Administrativo e Judiciário são transferidos para o bairro Campinas, e o prédio da Prefeitura passa a abrigar a Câmara dos Vereadores, modificando a concepção do Centro Histórico. Em 2005 são tombadas edificações históricas evitando possíveis demolições que poderiam vir a ocorrer.

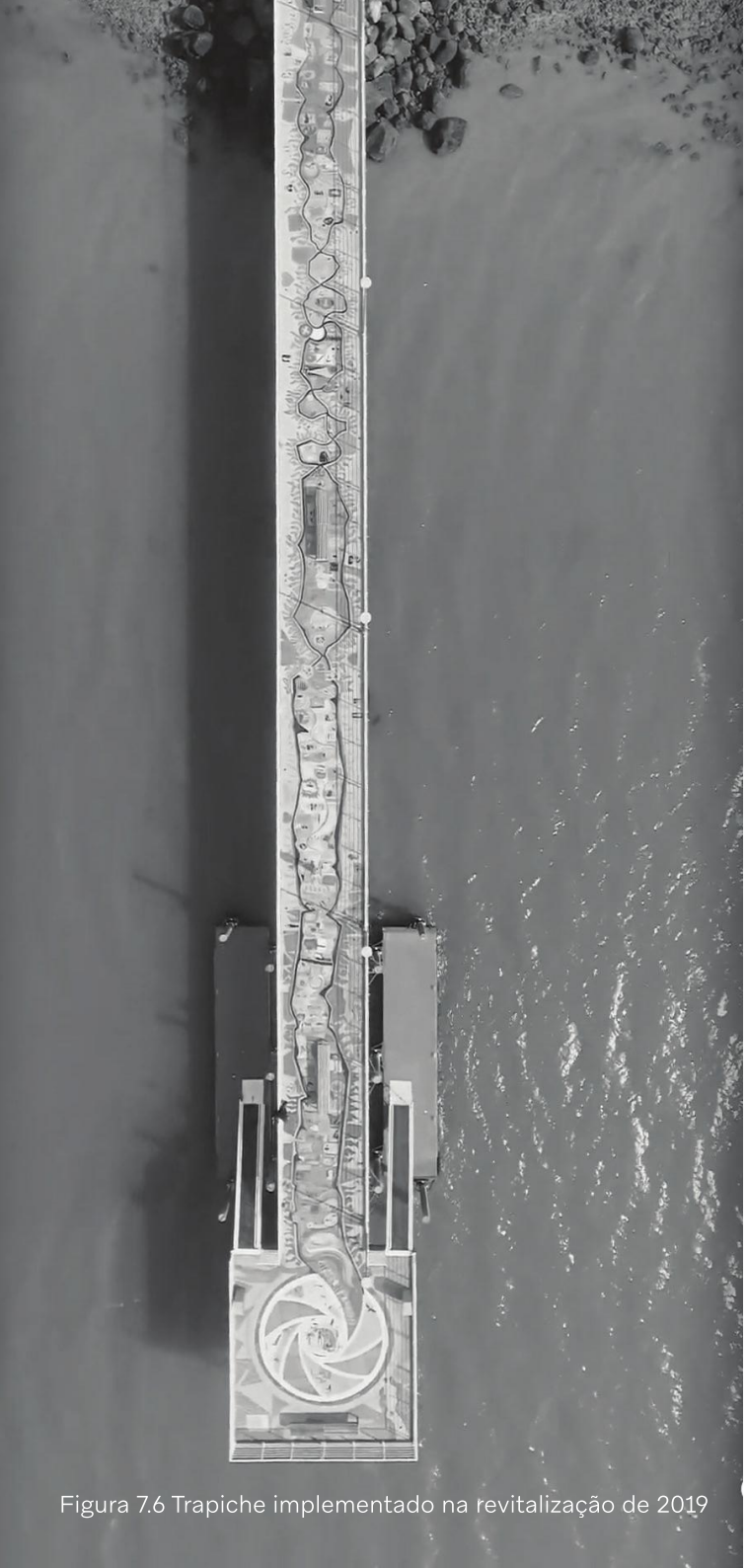


Figura 7.6 Trapiche implementado na revitalização de 2019

2019

Atualmente o Centro Histórico recebeu uma revitalização em sua orla, com um trapiche que retoma o valor histórico e cultural da cidade, contando a história do bairro por desenhos feitos no piso, na retomada de sua importância no passado. O projeto foi inaugurado em agosto de 2019 e conta com área de lazer, com duas quadras - uma poliesportiva e outra de futebol - ocupando o local do antigo ginásio e espaços para contemplação e permanência. Acredita-se que com essas modificações o Centro Histórico volte a ter a notoriedade que possuía antigamente.

Algumas atividades culturais vêm ganhando força e ocupando a Praça Hercílio Luz, como a presença de feiras em alguns finais de semana, além de uma variedade de edificações do entorno voltada para fins gastronômico, gerando uma movimentação para o bairro. Contudo, a perda da cultura local é notável na memória dos moradores que possuem um vínculo afetivo com o Centro Histórico de São José.

Figura 7.7 Imagem aérea, revitalização 2019

Figura 7.8 Escadaria, revitalização 2019

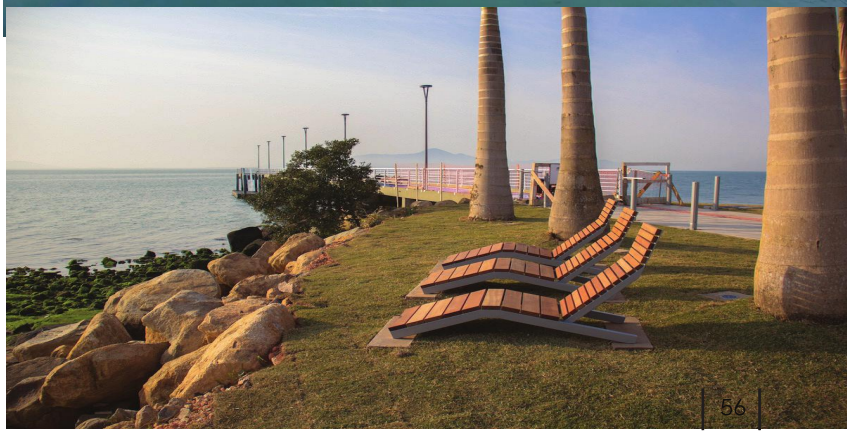


Figura 7.9 Trapiche e orla, revitalização 2019

7.3 Sistema Viário

Em São José, as aberturas das vias deram-se da mesma forma que a ocupação: a partir da linha do mar. As primeiras vias que foram abertas estão presentes no entorno da **Praça Hercílio Luz**, e as demais adequarem-se à construção das edificações.

A **Gaspar Neves**, via de maior importância do Centro Histórico, encontra-se entre as **Praças Arnoldo Souza e Hercílio Luz**, responsável por um dos trajetos importantes entre os bairros Palhoça e Florianópolis. O percurso se popularizou com a implantação da Beira Mar de São José, **Avenida Acioni Souza Filho.**

De acordo com Gerlach (2018), o fluxo da via é constante, com fluxo intenso nos horários das 7 e das 18 horas, causado por aqueles que evitam o trajeto pela BR-101, causando uma segregação entre as praças. Outro ponto importante a ser destacado é que o bairro possui um desenho urbano descontínuo, com uma grande quantidade de ruas sem saída, decorrentes da topografia, da configuração histórica e da consolidação dos loteamentos.

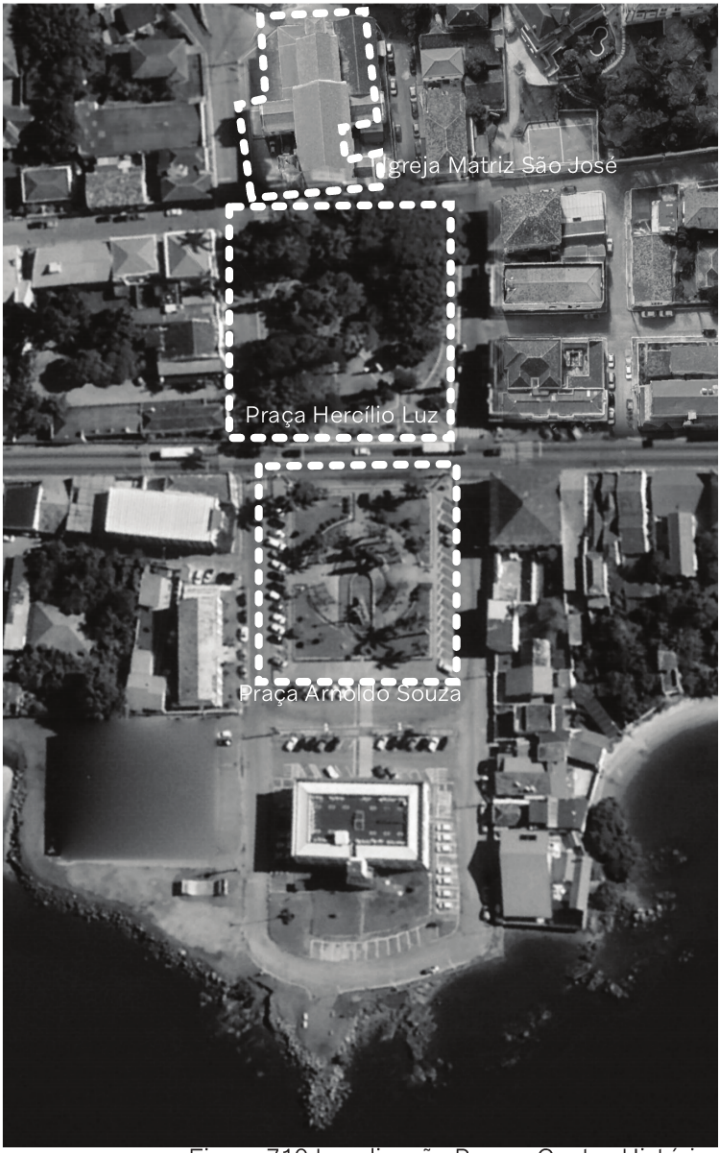


Figura 7.10 Localização Praças Centro Histórico

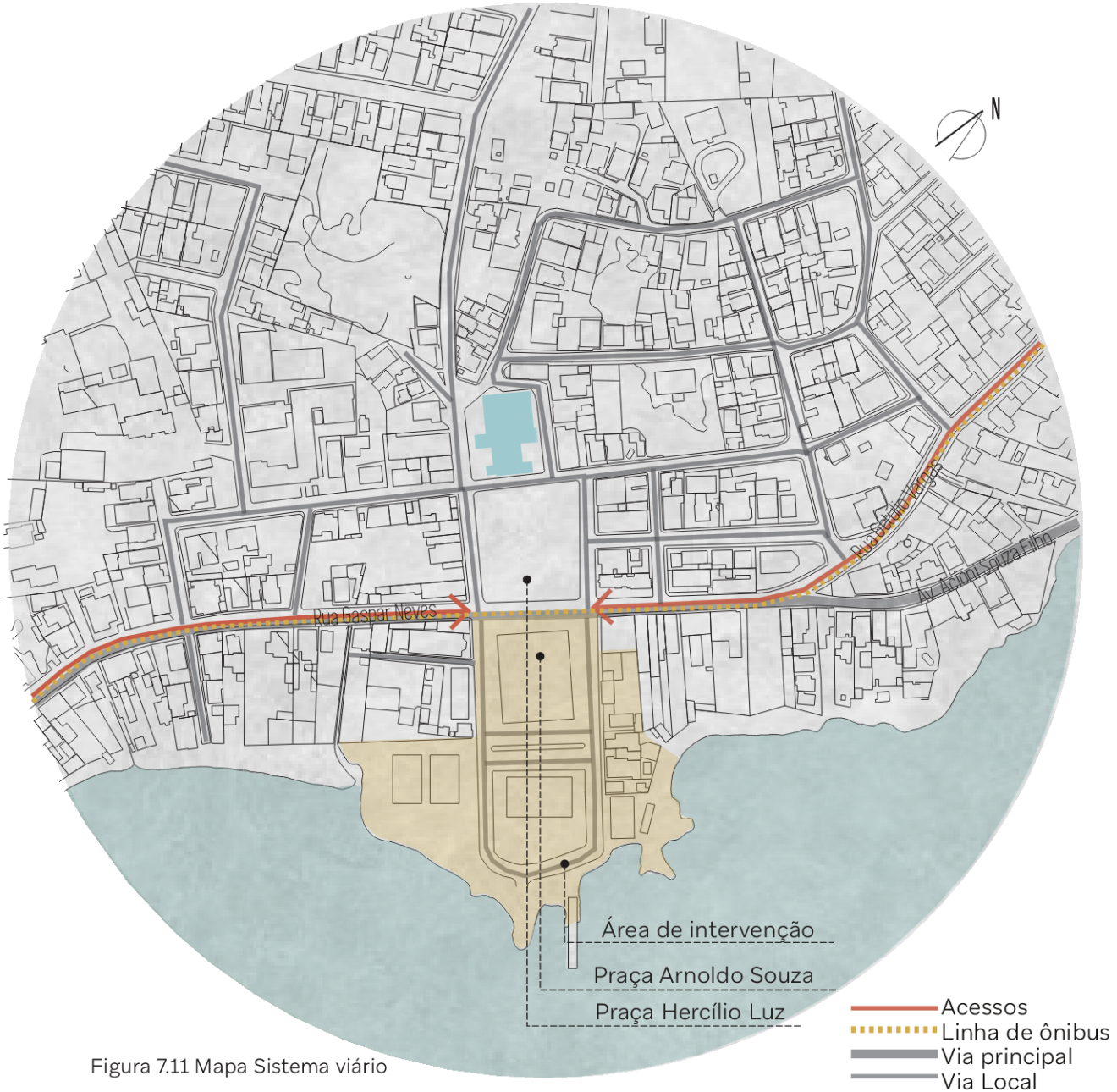
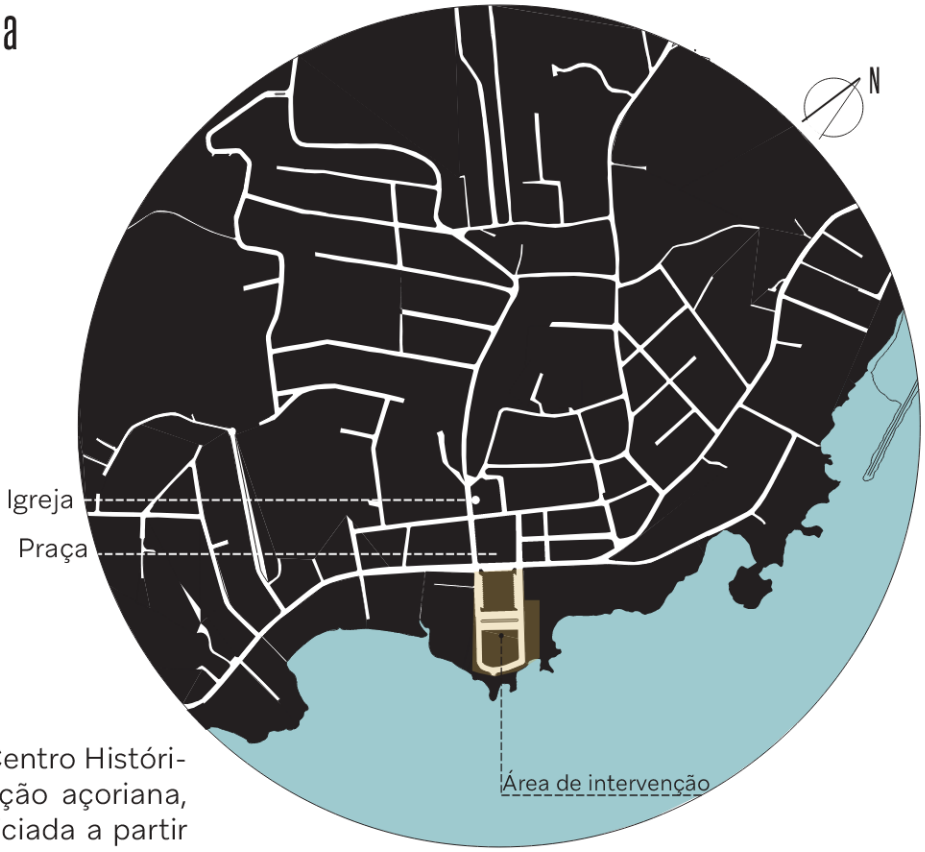


Figura 7.11 Mapa Sistema viário

7.4 Morfologia Urbana



O traçado viário do Centro Histórico é resultado da colonização açoriana, tendo sua malha urbana iniciada a partir da igreja, praça e trapiche. Nota-se que o traçado inicial próximo a esses pontos é regular, tornando-se irregular a medida que adequa-se a topografia e a construção das edificações nas declividades do entorno.

Figura 7.12 Mapa Morfologia Urbana

7.5 Cheios e Vazios

Figura 7.13 Mapa Cheios e Vazios

A partir da análise do mapa de cheios e vazios em conjunto com o de morfologia urbana, percebe-se que o Centro Histórico possui um tecido urbano já consolidado. A área é majoritariamente de ocupada por edificações residenciais, com espaços livres de uso público concentrando-se nas duas praças do Centro Histórico.

Segundo Gerlach (2018) nota-se que as edificações no entorno foram construídas com pouco afastamento entre si, fator que ocorreu em decorrência do Plano Diretor e ao modo de colonização adotado na época, não apresentando afastamentos laterais ou frontais obrigatórios, resultando na construção de conjuntos arquitetônicos de casarões, que ainda podemos encontrar no recorte da área.

7.6 Usos

Os usos majoritários encontrados no Centro Histórico de São José são institucionais, e comerciais nos arredores das praças Hercílio Luz e Arnoldo Souza, enquanto no restante da área apresentam-se usos residenciais. Segundo o Plano Diretor, o entorno do Centro Histórico é denominado como Uso Residencial Predominante, como resultado dessa ocupação.

Nas vias Gaspar Neves e Getúlio Vargas, nota-se edificações de uso misto com presença de atividades comerciais e residenciais, muitas vezes presentes na mesma edificação, com comércios vicinais que geram movimento diurno ao longo das vias.

Segundo Gerlach (2018), há uma grande quantidade de equipamentos urbanos no entorno das praças, devido a posição estratégica em que encontra-se o Centro Histórico como importante centralidade da região. Grande parte dessas edificações possuem importantes aspectos culturais, como o Museu de São José, a Casa de Cultura, a Biblioteca e o Teatro. Os usos praticados atendem à demanda da população, mas são insuficientes para a vitalidade urbana do bairro.

Com a predominância de edificações de uso residencial, o gabarito é considerado baixo: com edificações de 1 e 2 pavimentos. Assim, nota-se o respeito entre o gabarito das edificações residenciais com as edificações tombadas presentes no entorno das praças.

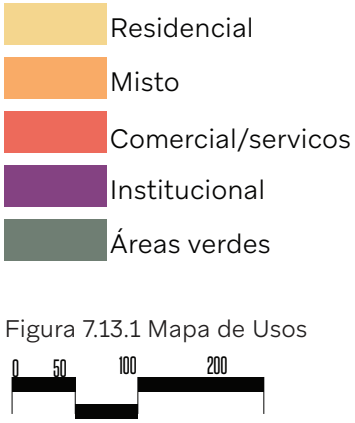


Figura 7.13.1 Mapa de Usos

N

7.7 Aspectos Legais

Plano Diretor Vigente

O Plano Diretor vigente em São José é de 1985 e define o Centro Histórico como APC/AMC, Área de Preservação Cultural e Área Mista Central, visando a preservação do Centro Histórico associado ao tombamento municipal efetivado em 2005 em algumas edificações evitando que fossem demolidas. O entorno do Centro Histórico é caracterizado com ARP, Área Residencial Predominante.

De acordo com o Art.30 (Lei n°. 1605/85), a APC deve ter seu uso controlado e preservado, com intuito de preservar a os sítios de interesse histórico, bem como as paisagens culturais. O Centro Histórico se qualifica como APC -4, áreas históricas, que são destinadas à preservação dos locais de ocupação histórica.

N° máximo de pavimentos= 2
Taxa de ocupação= 50%
Índice de aproveitamento= 1
Área mínima do terreno: 360m²
Testada do lote: 12m

O número máximo de pavimentos previsto pelo Plano Diretor é de extrema importância para preservação da paisagem histórica do bairro. .

Plano Diretor Participativo

A versão preliminar do zoneamento do Plano Diretor Participativo de São José, propõe a classificação da área em que insere o Centro Histórico como Zona de Qualificação Urbana e Paisagística (ZQUP-A).

Art. 377. A Zona de Qualificação Urbana e Paisagística A, ou ZQUP-A, é Unidade Territorial com grande extensão de orla e significativo valor paisagístico, destinada à valorização e qualificação urbana e paisagística, e que tem as seguintes características:
I - existência de centralidade com ocupação histórica; II - existência de áreas com valor histórico, cultural e paisagístico;
III - densidade populacional predominantemente baixa;
IV - concentração de usos diversificados ao longo de vias principais;
V - existência de áreas declivosas com significativa cobertura vegetal e grande extensão de orla com potencial paisagístico.

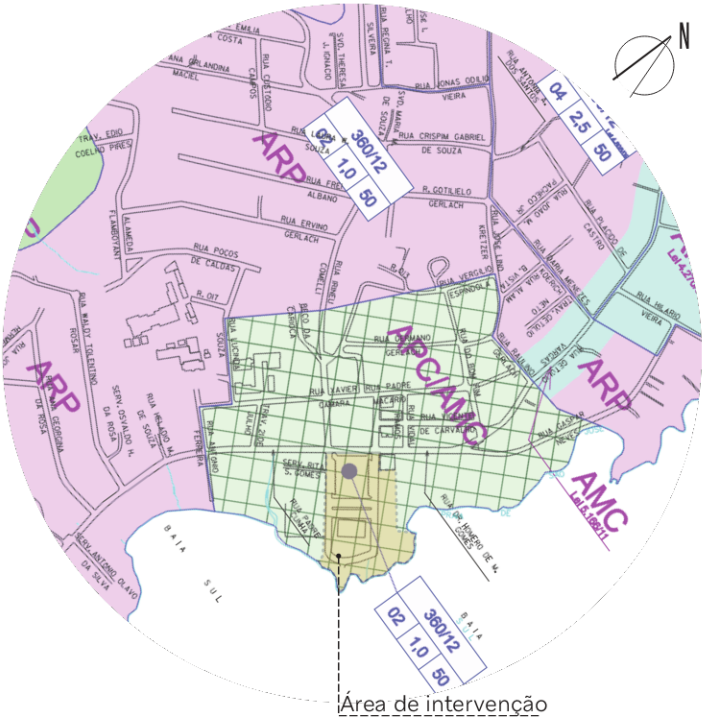


Figura 7.14 Mapa plano diretor vigente

Figura 7.15 Mapa plano diretor participativo

7.8 Patrimônio Histórico

O Centro Histórico possui suas características marcantes pela presença de edificações que conservam a história de São José. O cuidado com o patrimônio histórico ainda é inconsistente, somente duas edificações são tombados a nível estadual - Museu de São José e a Igreja Matriz-, em 1986 e 1998. Outras edificações foram tiveram seu tombamento no ano de 2005 no âmbito municipal.

É perceptível a falta de cuidado com as edificações históricas, principalmente a partir da leitura da Cartilha do Patrimônio Histórico de São José, publicada no ano de 2013, a qual não define nenhum tipo de cuidado com as edificações, deixando o proprietário livre para fazer modificações no patrimônio de valor histórico.

A Bica da Carioca também é um elemento tombado por ser um cenário significativo e afetivo da cultura dos moradores de São José.

Segundo Gerlach (2018), além dos bens tombados, outras edificações são importantes para a história de São José, as mesmas encontram-se destacadas no mapa

Área de intervenção

Tombamento Estadual

Tombamento Municipal

Interesse Histórico

Figura 7.16Teatro Adolpho Mello

Figura 7.17 Igreja Matriz

Figura 7.18 Museu de São José

1. Igreja Matriz de São José
2. Casarão da Família Gerlach (Biblioteca pública)
3. Fundação de Cultura
4. Beco da Carioca
5. Casarão 01
6. Casarão 02 (Restaurante São Zé)
7. Edificação de 1921
8. Sobrado da Municipalidade (Boteco do Toninho)
9. Praça Hercílio Luz
10. Teatro Municipal Adolpho Mello
11. Casa de Câmara e Cadeia
12. Museu de São José
13. Conjunto de 6 casarios | Séc. XIX-XX |
14. Igreja Nosso Senhor do Bonfim

Figura 7.19 Mapa Bens Tombados

0 25 50 100

7.9 Fluxos Peatonais

De acordo com Gerlach (2018), o fluxo peatonal diário é reflexo presença das instituições públicas, como o Colégio Francisco Tolentino, a Câmara dos Vereadores e a Casa de Cultura, além da presença do ponto de ônibus na Rua Gaspar Neves. Já no período noturno, o fluxo acontece nas edificações voltadas para à gastronomia.

A partir dos espaços públicos e da promoção de novas funções e usos, a apropriação do espaço se estende, promovendo novos eventos além da Festa do Siri que acontece na Praça Arnoldo Souza (uma vez ao ano), a Feira da Freguesia que utiliza-se da Praça Hercílio Luz e a Festa do Divino - que acontece no Beco da Carioca -. Com diferentes usos no espaço público, é possível proporcionar maiores fluxos durante todos os períodos do dia.

Figura 7.20 Fluxo diurno

Figura 7.21 Fluxo noturno

7.10 Proposta existente

Em 2014 o Instituto de Arquitetos do Brasil (IAB), promoveu um concurso referente a Requalificação Urbana do Centro Histórico de São José.

O projeto vencedor foi nomeado por Recentrar o Centro, a proposta tem como intenção a valorização do patrimônio histórico e cultural e requalificação urbanística que segundo os autores contribuirá para uma melhor qualidade de vida para os moradores do Centro Histórico. Projetado pela equipe: Camila Thiesen, Cássio Sauer, Elisa Martins, Diogo Valls, Jaqueline Lessa, Ignacio de la Vega, Lucas Weinmann e Lucas Zimmer.

Tem como intuito ser um centro atrativo para o turismo da cidade, busca-se proporcionar que todos conheçam a história de São José e vivenciem o patrimônio cultural e paisagístico da cidade. Assim como a retomada da relação da cidade e mar perdida ao longo dos anos.

Para concepção do projeto de Conclusão de curso, fora implementado o projeto vencedor do concurso, na proposta geral do partido, todavia adequando aos usos do projeto da autora.

Figura 7.22 Proposta Parque das águas, onde atualmente é a praça Arnoldo Souza

Figura 7.23 Proposta diminuição do fluxo na Rua Gaspar Neves

Figura 7.24 Valorização da cidade com a água

7.11 Aspectos Climáticos

A área de intervenção tem o clima local definido como subtropical, com chuvas durante todas as estações do ano, por sua proximidade com o mar. Por estar voltado para a orientação sudeste, possui incidência direta do vento sul, apesar de possuir influência do vento nordeste.

As áreas verdes do Centro Histórico são de extrema importância para o local, sendo elas: a Praça Hercílio Luz, a Praça Arnoldo Souza e o Beco da Carioca. Segundo Gerlach (2018), o Beco da Carioca passou por uma revitalização que afetou o ecossistema local. Devido à iluminação adotada, as aves habitantes do Beco da Carioca estão em constante cantoria, desequilibrando a fauna, devido a incidência excessiva de luz durante a noite.

A composição do recorte definido é dada pelas edificações históricas demarcadas no mapa, as quais demonstram vestígios da história josefense, proporcionando uma leitura histórica e cultura da região.

De acordo com Gerlach (2018), um dos bloqueios visuais que mais impossibilitam o contato do espaço público com o mar são: a Câmara dos Vereadores, considerado um dos responsáveis pela perda do contato físico e visual com o mar, além das edificações que obstruem a relação da orla com o espaço público.

Figura 7.25 Vista da Praça Arnoldo Souza bloqueio visual

Figura 7.26 Vista aos fundos da Câmara dos vereadores

Figura 7.27 Mapa Aspectos Climáticos

7.12 Síntese de Leitura

1- O fluxo intenso na Rua Gaspar Neves gera uma segregação entre as praças Hercílio Luz e Arnoldo Souza e além de priorizar o veículo gerando conflitos no entorno;

2- As edificações em frente à Praça Arnoldo Souza, geram a perda do contato entre igreja e mar;

3- As edificações do Centro Histórico carregam traços da cultura local;

4- A área é predominante com uso residencial;

5- A Praça Arnoldo Souza não conversa com o entorno;

6- Escassez de diferentes usos;

7- Baixo fluxo de pessoas durante a noite;

8- Falta de um equipamento cultural atrativo para diferentes faixas etárias;

9- A topografia do local apresenta acentuação de morros atrás da Igreja.

8. Partido

O mágico de Oz - Victor Fleming

A partir dos estudos elaborados até aqui, será apresentado neste capítulo, diretrizes gerais, bem com o projeto na etapa de partido de um cinema.

Propostas Gerais

1- Retomar relação entre cidade e mar;

2- Criar espaços de permanências nas áreas externas;

3- Propor um equipamento que possa ser usado tanto de dia quanto de noite;

4- Priorização do pedestre;

5- Via compartilhada Rua Gaspar Neves;

6- Propor usos cinematográficos no museu de São José (colaboração entre cinema e museu);

7- Retomada da importância do cinema de rua em São José;

8- Remoção do edifício da Câmara dos Vereadores;

9- Pluralidade de usos, considerando ativação tanto diurna quanto noturna;

10- Valorização do Patrimônio Histórico;

11- Redução da velocidade da via Gaspar Neves;

12- Remoção de parte do estacionamento na Praça Arnoldo Souza;

13- Implementação do projeto vencedor do concurso do Centro Histórico de São José conduzido pelo IAB, apenas adequando alguns usos;

14- Conexão entre as praças Hercílio Luz e Arnoldo Souza

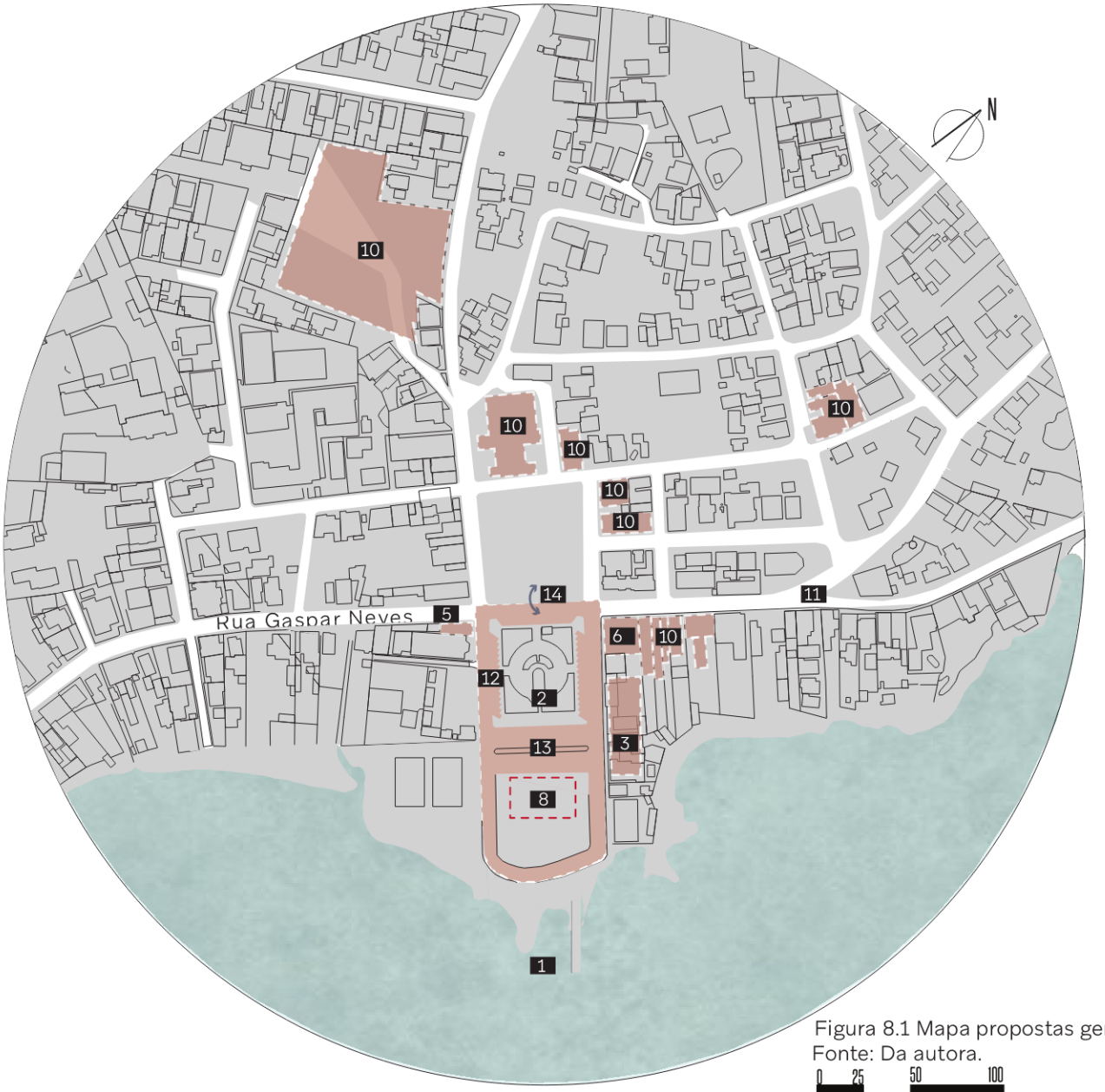


Figura 8.1 Mapa propostas gerais
Fonte: Da autora.

0 25 50 100

Terreno

Situação Atual

O terreno escolhido para inserção deste equipamento cultural se justifica devido a fatores como: interação com o espaço público (Praça Arnoldo Souza), retomada da memória urbana do antigo Cine York e conexão com o mar. Quanto à remoção das edificações, grande parte possui caráter residencial, o que resulta na pouca vitalidade do Centro Histórico.

Edificações que serão removidas

Figura 8.2 Mapa remoções
Fonte: Da autora.

Figura 8.3 Vista lado esquerdo da praça
Fonte: Da autora.

Proposta

A proposta tem a intenção de retomar a memória urbana do Cine York e a interação entre espaço construído e espaço público, além da valorização da paisagem e dos visuais da orla marítima. Seguindo as diretrizes lançadas para o partido, buscou-se criar um bloco monolítico de dois pavimentos, respeitando a altura e recuo frontal do Museu de São José que encontra-se ao lado da edificação proposta. A fachada principal volta-se para o espaço público, mantendo uma conexão visual direta com a praça central.

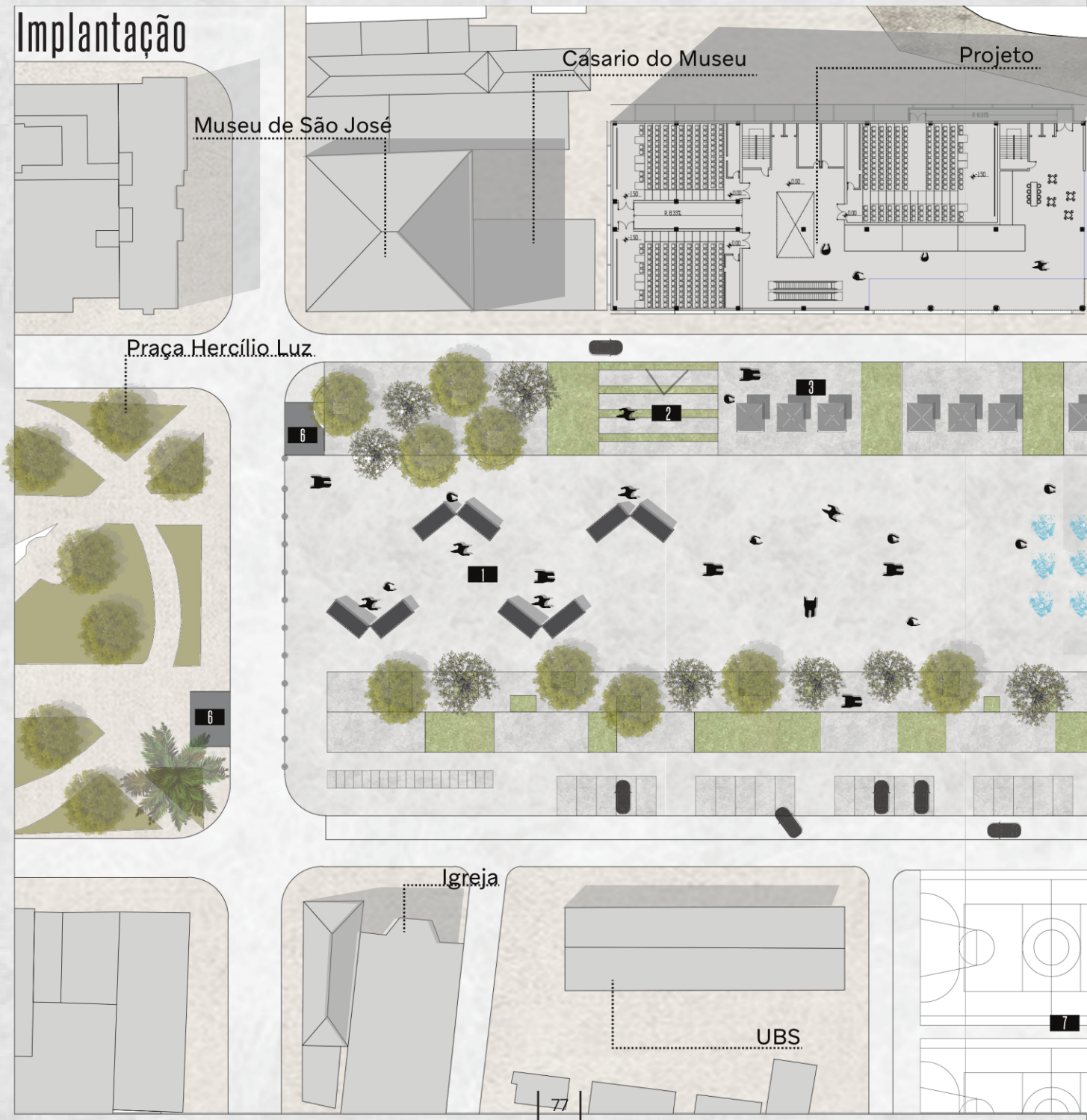
Para atender às dimensões adequadas de uma sala de cinema, no térreo as salas são enterradas 1,5 metros, e para que o edifício tenha dois pavimentos as salas 1,2,4 e 5 tem a mesma configuração, utilizando a inclinação da sala do primeiro pavimento para aumentar o pé direito.

Quanto ao programa, o projeto conta com 5 salas de cinema com capacidade total para 684 pessoas, 3 dessas salas estão no térreo e as restantes no pavimento superior. As circulações verticais ficaram para parte de trás da edificação, na orientação noroeste. .

No térreo o programa conta com salas de cinema, loja de artigos de cinema, bar/café, local de espera e encontro para que os usuários possam aguardar as sessões de cinema e a tentativa da retomada da relação entre bar e cinema. Atentou-se à relação entre edificação e espaço público com a criação de um recuo no pavimento térreo, como um convite para sua entrada.

No pavimento superior encontram-se: salas de cinema, área de serviços do cinema, sala de workshops onde acontecerão cursos relacionados à fotografia e cinema. Ao centro do pavimento existe um espaço destinado à exposições de fotografias, artes de artistas Josefenses, com visual emoldurado para o mar. Um vazio circunda o foyer das salas do térreo e do primeiro pavimento criando uma interação entre os pavimentos.

Implantação



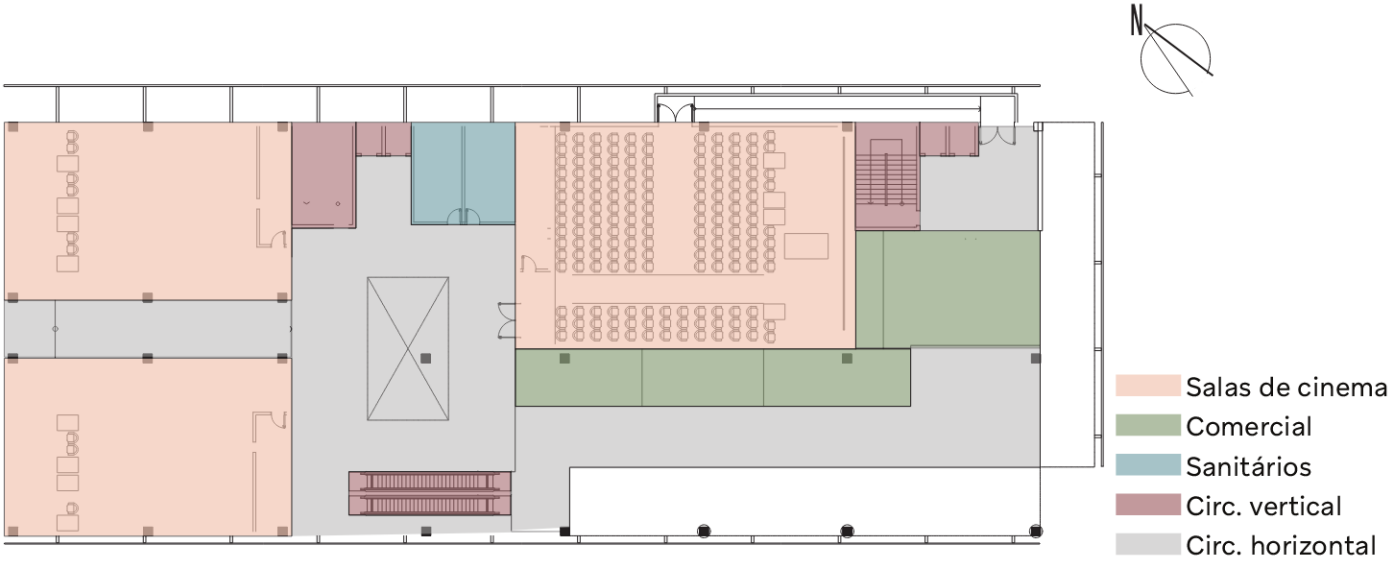
Como mencionado anteriormente a proposta da Praça central contempla o projeto vencedor do concurso promovido pelo IAB, com algumas modificações propostas pela autora.

A edificação respeita uma distância da orla marítima para que a angulação visual de quem esteja na praça não seja obstruída em relação ao mar.

Na fachada sudoeste, uma grande empena cega devido às salas de cinema, por isso propõe-se um espaço para exibições ao ar livre em frente a essa fachada. Mantêm-se as quadras implantadas na revitalização promovida pela prefeitura.

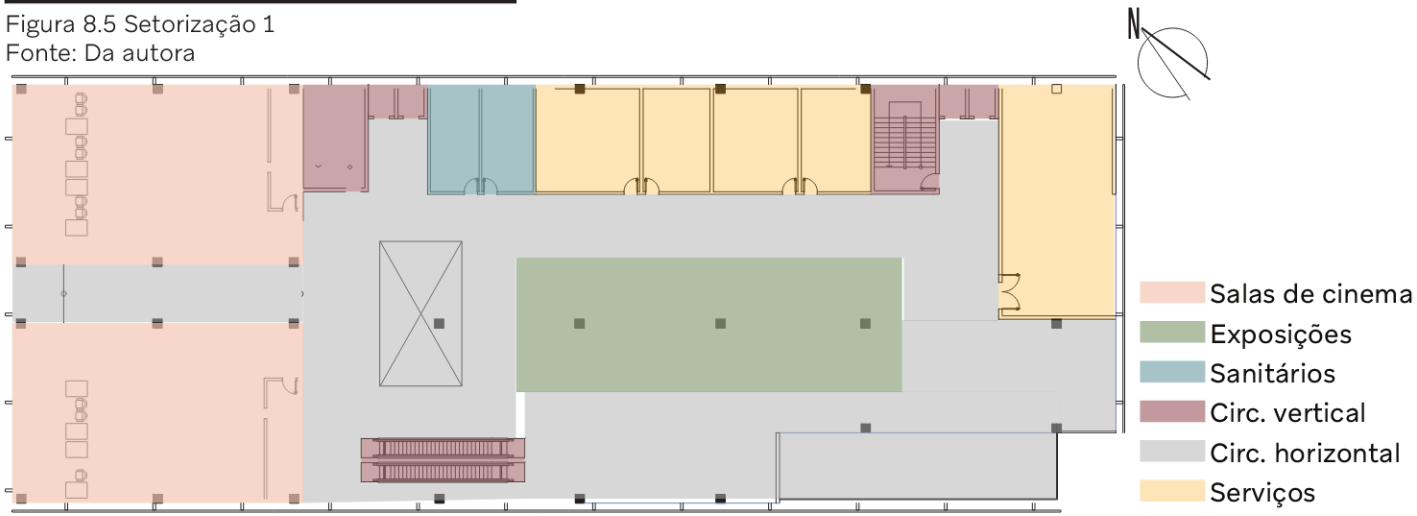
Figura 8.4 Implantação
Fonte: Da Autora

Zoneamento



Setorização Térreo

Figura 8.5 Setorização 1
Fonte: Da autora



Setorização 1 pav.

Figura 8.6 Setorização 2
Fonte: Da autora

Programa de necessidades

Classificação	Ambiente	Quantidade	Área
Salas de cinema	Salas de cinema	5	857 m^2
Comercial	Bar	1	75 m^2
Comercial	Bomboniere	1	25 m^2
Comercial	Loja	1	25 m^2
Comercial	Bilheteria	1	25 m^2
Sanitários	Sanitários	4	68 m^2
Serviços	Administração	1	35 m^2
Serviços	DML	1	22 m^2
Serviços	Área funcionários	1	28 m^2

Figura 8.8 Programa de necessidades
Fonte: Da autora

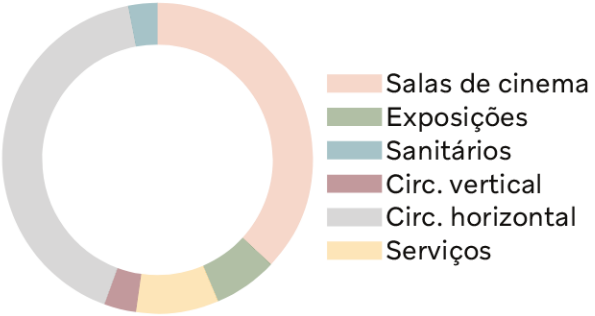
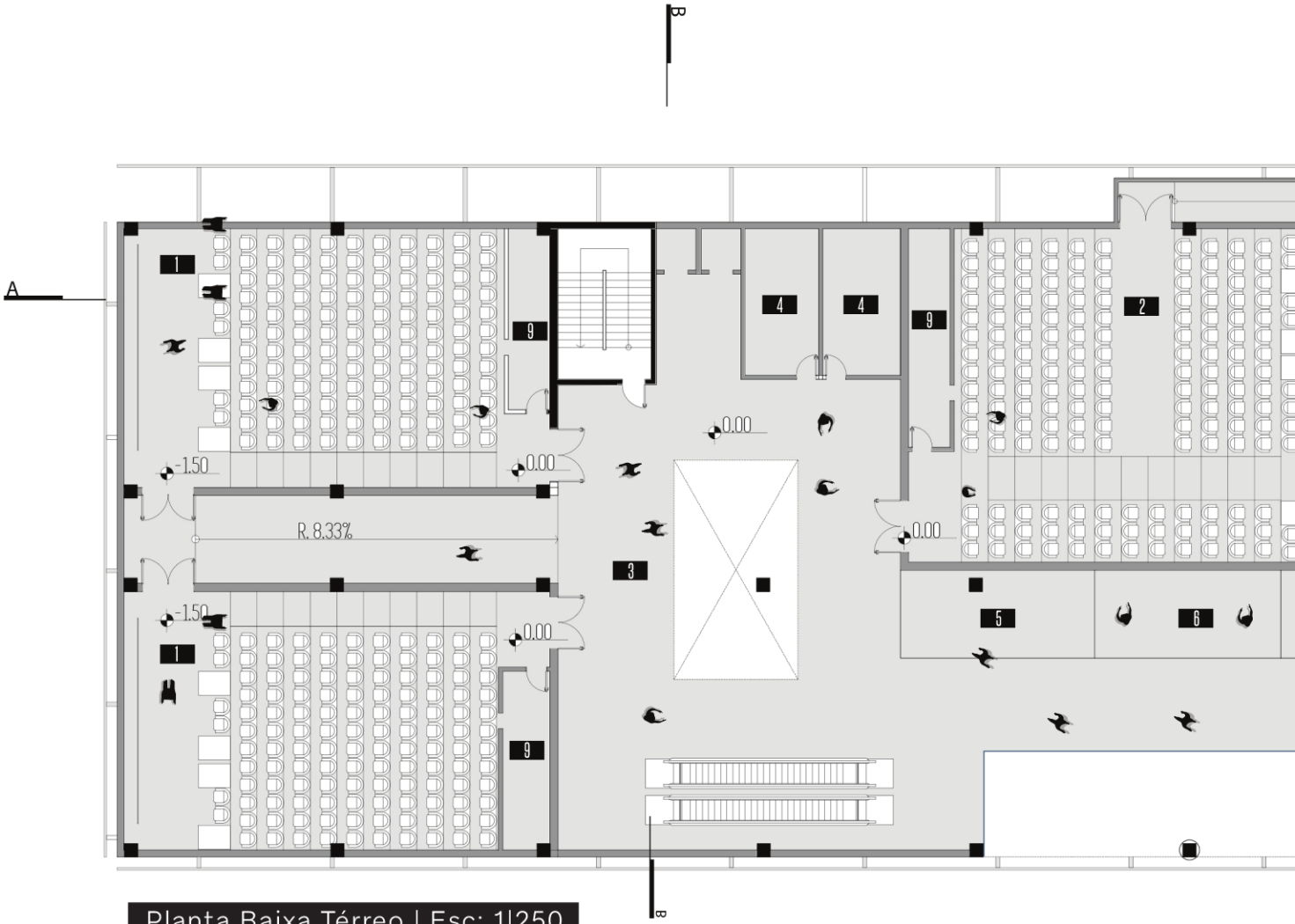


Figura 8.7 Gráfico de usos
Fonte: Da autora

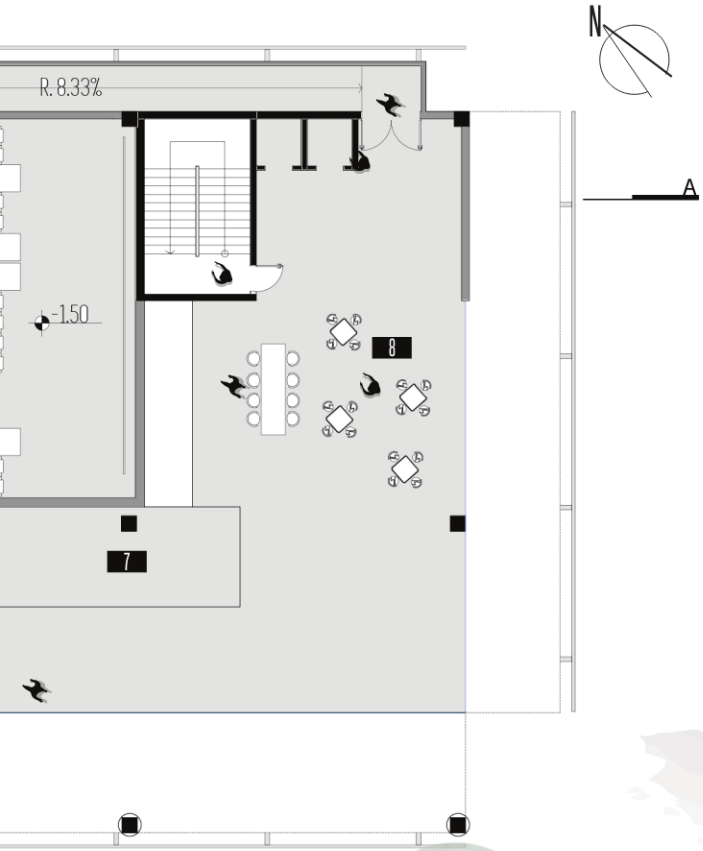


Planta Baixa Térreo | Esc: 1|250

Figura 8.9 Planta baixa
Fonte: Da autora

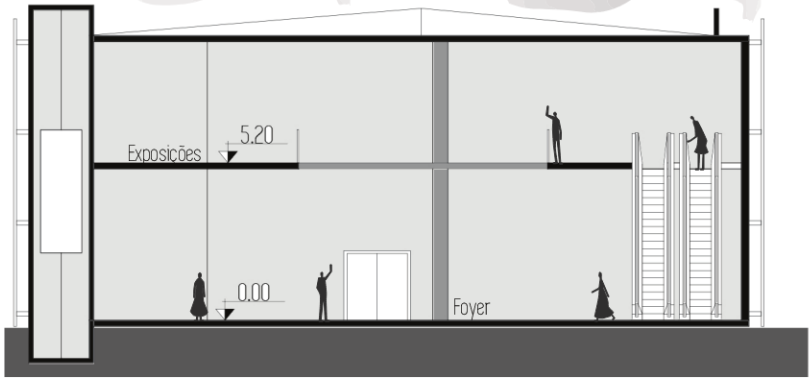
1 Sala de cinema (130 lugares)
2 Sala de cinema (164 lugares)
3 Foyer
4 Sanitários
5 Bomboniere
6 Bilheteria
7 Loja c| artigos de cinema
8 Bar|Café
9 Cabine de projeções

Figura 8.10 Praça em frente do cinema
Fonte: Concurso IAB, adaptado pela autora



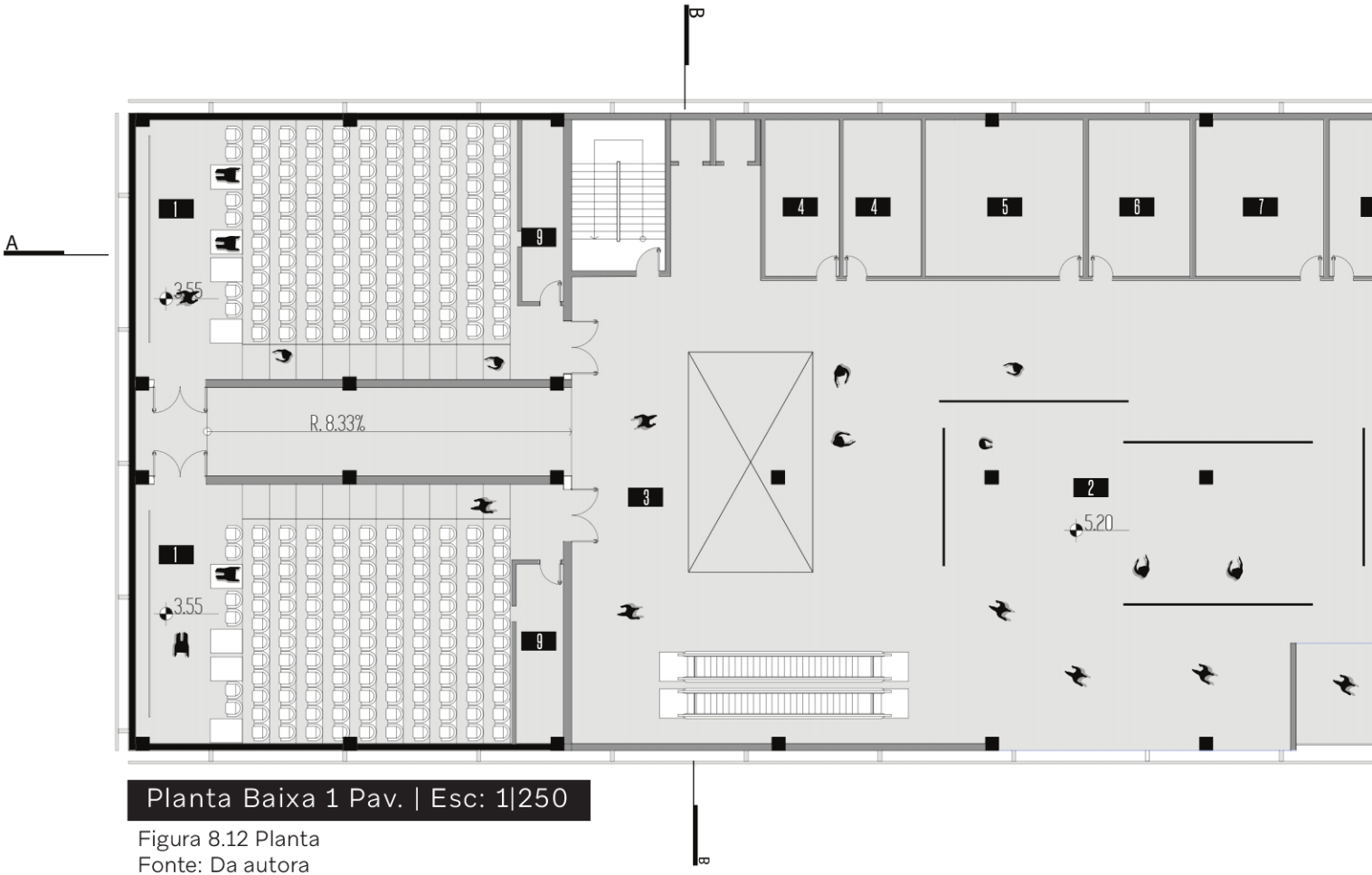
Quanto à estrutura proposta, será mista de concreto e aço, por ser um material de alta resistência e rápida montagem, com pilares metálicos ora aparentes, ora ocultos nas paredes. Serão usadas lajes protendidas por atingir maiores vãos, necessárias nas salas de cinema.

As paredes externas serão concreto armado, por seus aspectos acústicos e receberão isolamento acústico através de painéis absorventes. Nas divisões internas as paredes serão de *steel frame* também com isolamento acústico. A cobertura receberá telhas termo-acústicas.



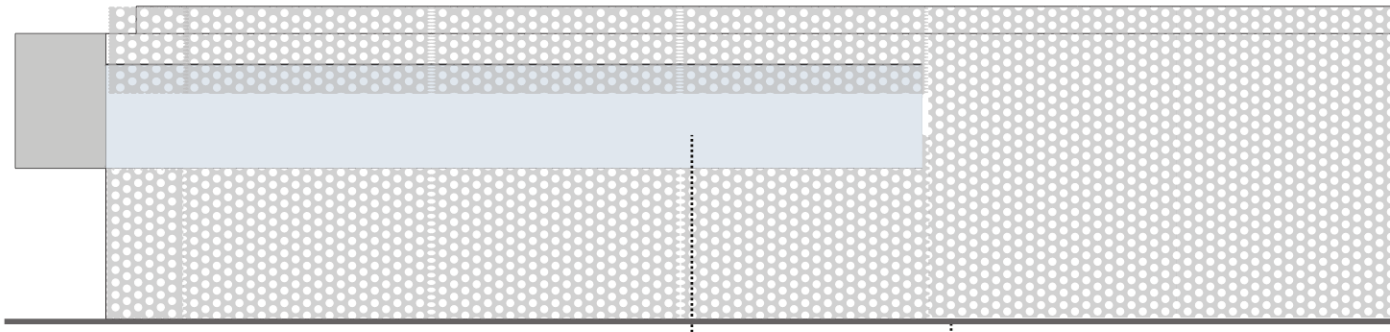
Corte BB| Esc: 1|250

Figura 8.11 Corte
Fonte: Da autora



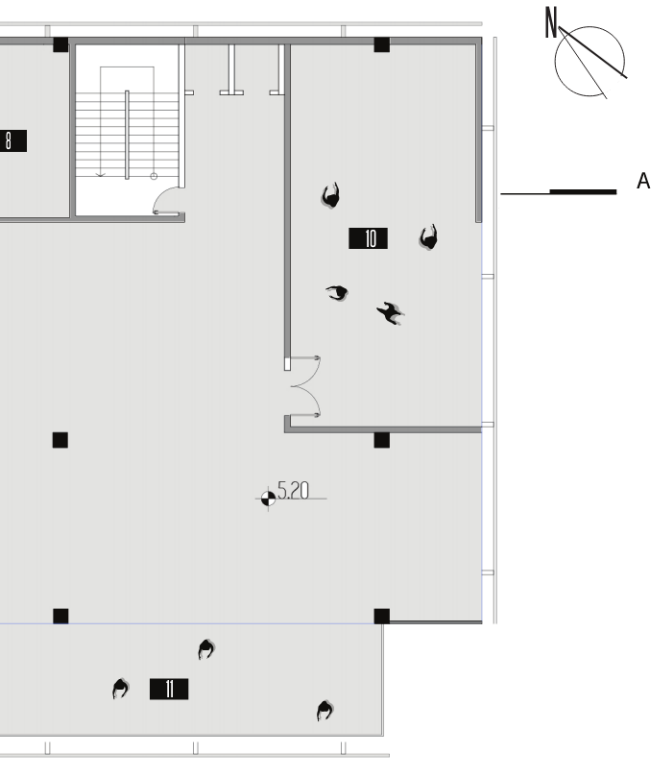
Planta Baixa 1 Pav. | Esc: 1|250

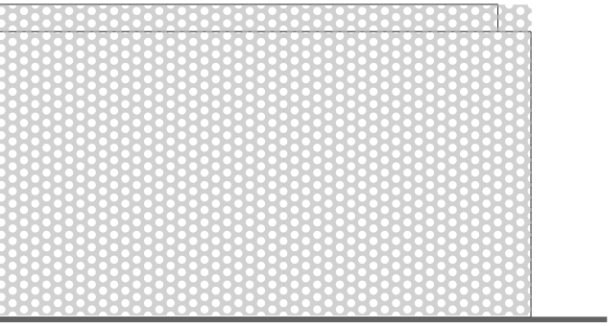
Figura 8.12 Planta
Fonte: Da autora



Fachada Noroeste| Esc: 1|250

Figura 8.13 Fachada
Fonte: Da autora

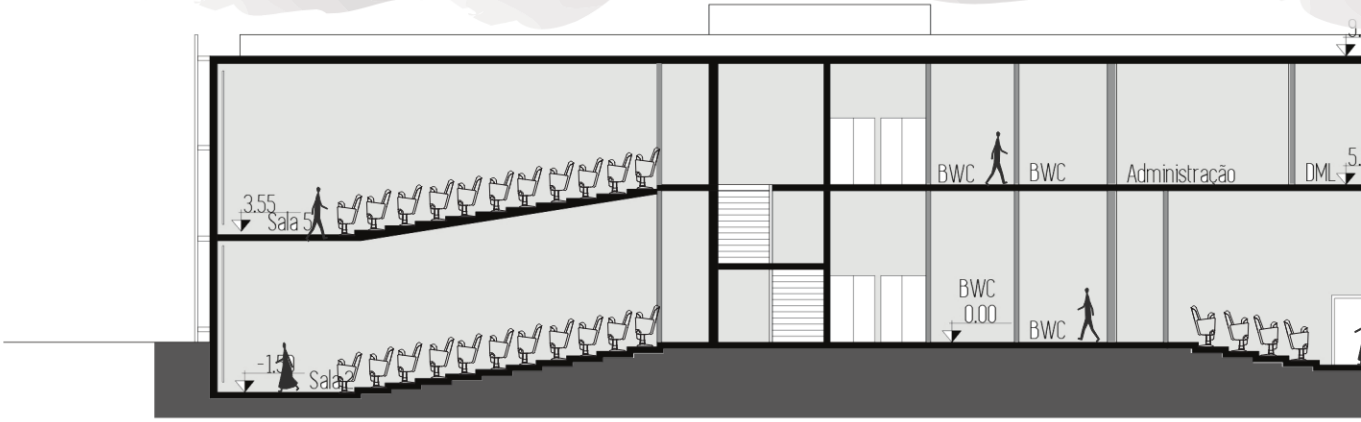




Em relação às fachadas, priorizou-se o conforto térmico, evitando grandes aberturas em vidro, as aberturas servem como molduras para os visuais do entorno.

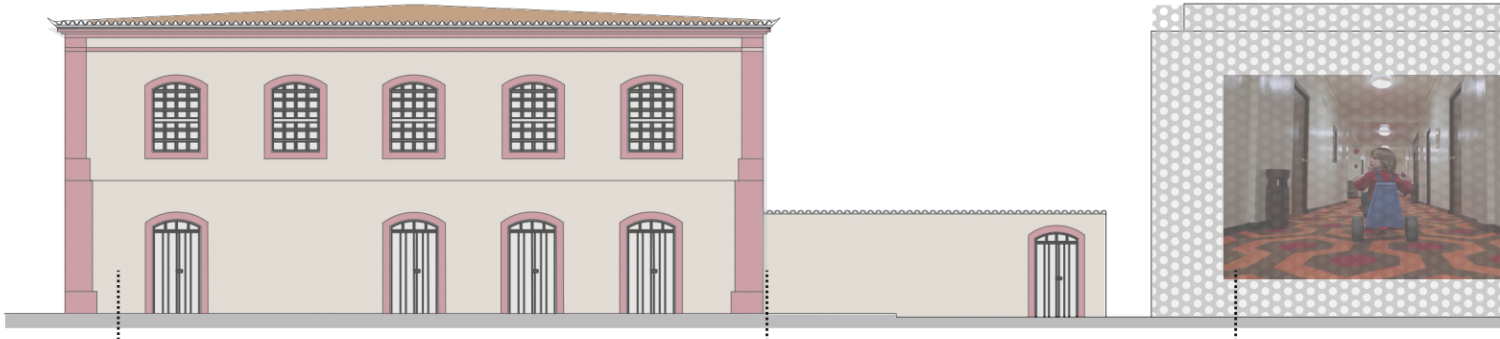
Por estar em uma situação onde a insolação não é muito favorável, utilizou-se painéis perfurados de aço galvanizado em todas as fachadas da edificação, com o intuito de proteção solar e buscando uma linguagem visual.

1 Sala de cinema (130 lugares)
2 Espaço para exposições
3 Foyer
4 Sanitários
5 Administração
6 DML
7 Espaço funcionários
8 Depósito
10 Sala para Workshops
11 Terraço



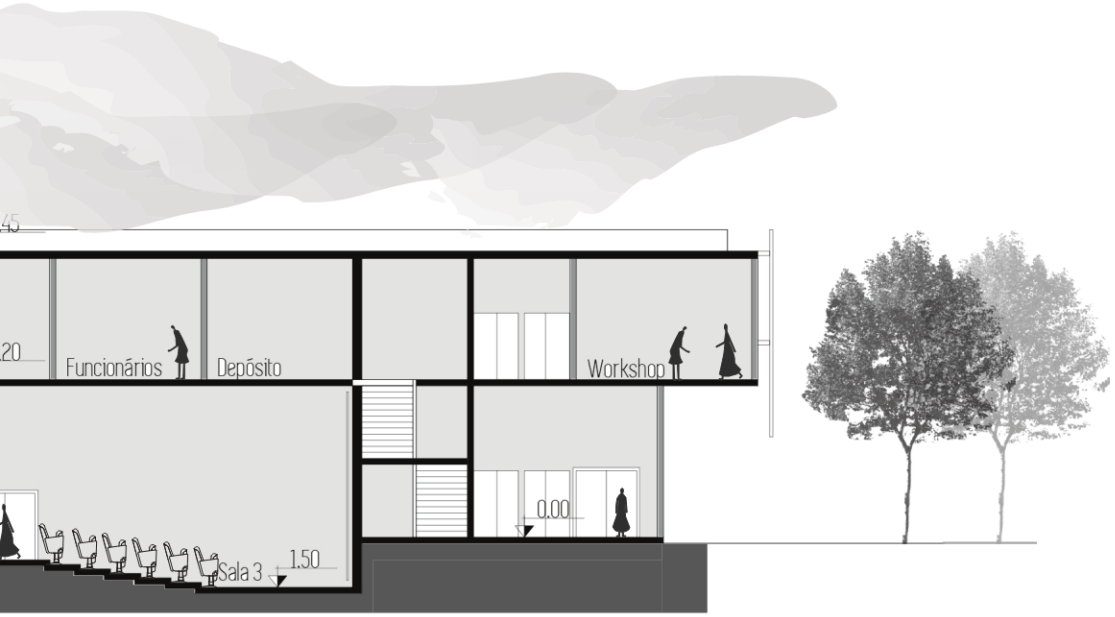
Corte AA| Esc: 1|250

Figura 8.14 Corte
Fonte: Da autora



Fachada Sudoeste| Esc: 1|250

Figura 8.15 Fachada principal
Fonte: Da autora


Funcionários
Depósito
Workshop
0.00
Sala 3
1.50

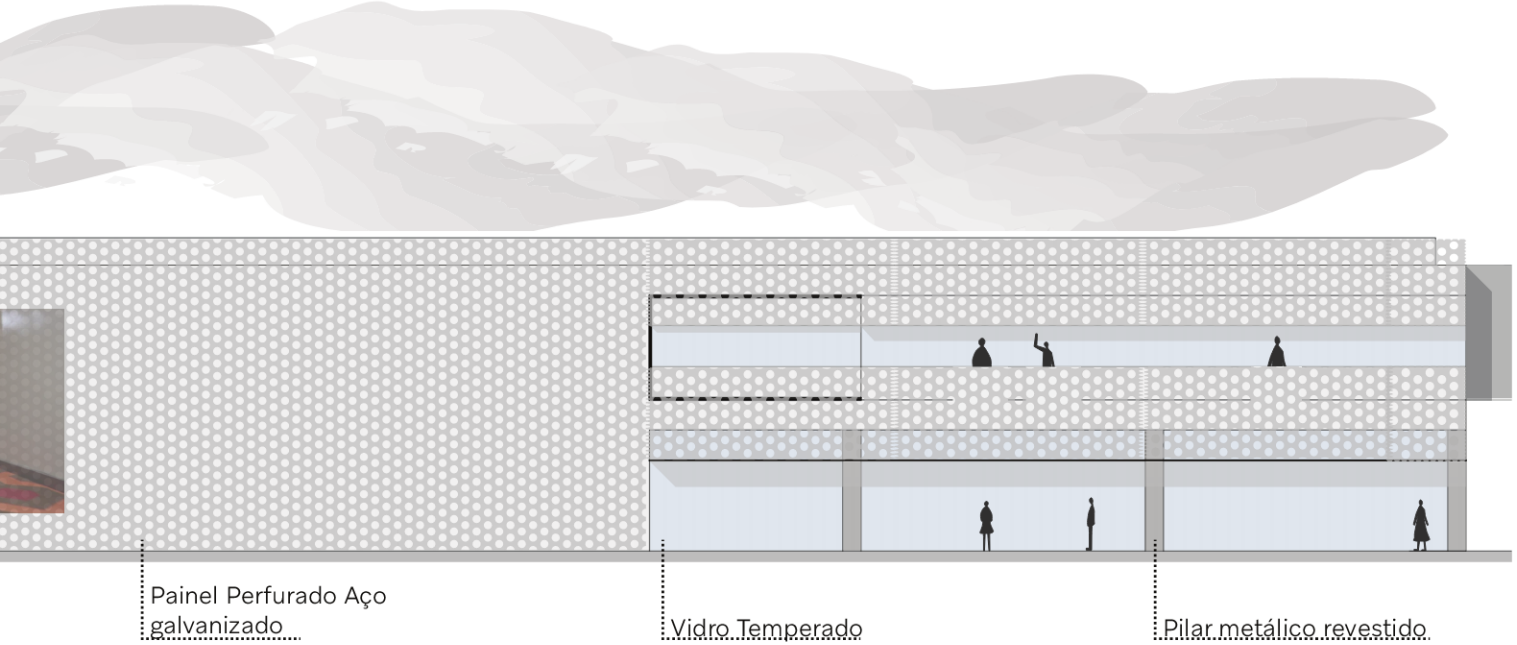
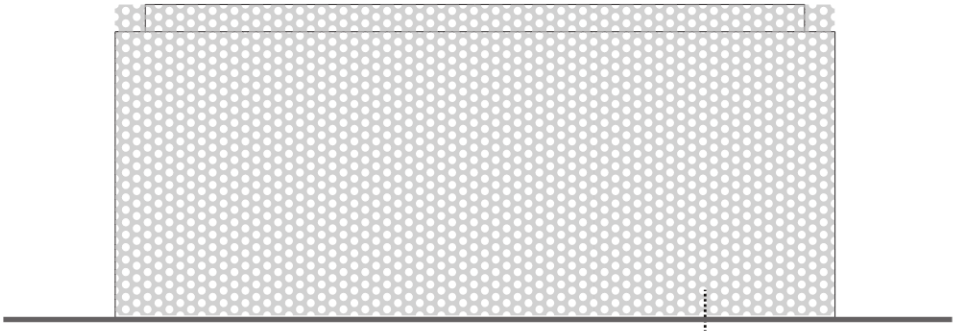
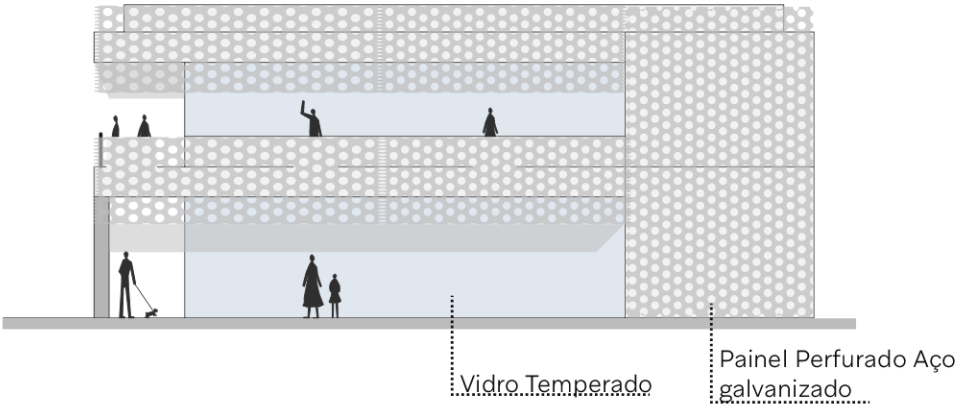

Painel Perfurado Aço galvanizado
Vidro Temperado
Pilar metálico revestido

Figura 8.16 Perspectiva fachada principal
Fonte: Da autora



Fachada Nordeste| Esc: 1|250

Figura 8.17 Fachada
Fonte: Da autora



Fachada Sudeste | Esc: 1|250

Figura 8.18 Fachada
Fonte: Da autora

Figura 8.19 Perspectiva fachada principal
Fonte: Da autora

Figura 8.20 Perspectiva fachada principal
Fonte: Da autora

9. Considerações Finais

Forrest Gump

9.1 Considerações finais

Com base nas pesquisas elaboradas no presente trabalho, quanto a parte teórica e diagnóstico, fica explícito a importância cultural existente no Centro Histórico de São José, porém a atualmente um pouco esquecido pela população.

A proposta do Cinema vêm como propósito revitalizar a estrutura social do Centro Histórico, promovendo espaços de integração, dentro e fora da edificação. O projeto surge para incentivar a cultura e devolver as memórias do antigo cinema de rua de São José.

Nesta primeira etapa apresentada no presente trabalho, consiste na apresentação da proposta arquitetônica de um cinema, através de diagramas, plantas, desenhos esquemátics e textos, para melhor entendimento sobre o projeto do cinema.

Desse modo, o anteprojeto será dado em continuidade no Trabalho de Conclusão de Curso II, com maior aprofundamento e detalhamento.

9.2 Referências

ABCINE – ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE CINEMATOGRAFIA. **Recomendação técnica para salas de exibição cinematográfica.** Disponível em: http://www.abcine.org.br/artigos/?id=90&/recomendacao-tecnica--para-salas-de-exibicao-cinematografica-parte-1 . Acesso em: 22 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NB 1187: Avaliação de projetos e instalações de salas de projeção cinematográficas.** 1988 ed. Rio de Janeiro: Abnt, 1988. 6 p. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/18549486/nbr-1187-avaliacao-de-projetos-e-instalacoes-de-salas-de-projecao-cinematografica>. Acesso em: 22 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 9050: Acessibilidade a edificações, mobiliário, espaços e equipamentos urbanos.** Rio de Janeiro: Abnt, 2004. 105 p. Disponível em: <http://www.turismo.gov.br/sites/default/turismo/o_ministerio/publicacoes/downloads_publicacoes/NBR9050.pdf>. Acesso em: 22 set. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **NBR 12179: Tratamento acústico de recintos fechados.** Rio de Janeiro: Abnt, 1992. 9 p. Disponível em: <https://querosossego.files.wordpress.com/2008/08/abnt-nbr-12179.pdf>. Acesso em: 04 out. 2019.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. NBR 12237: Projetos e Instalacoes de Salas de Projecao Cinematografica. Rio de Janeiro, 1988. 8 p. Disponível em: <https://kupdf.net/download/nbr-12237-projetos-e-instalacoes--de-salas-de-projecao-cinematografica_5cbf6ee7e2b6f5704779d0f5_pdf>. Acesso em: 22 out. 2019.

ANCINE. **Segmento de Salas de Exibição** - Informe Anual Preliminar 2018. Rio de Janeiro, 2018.

BORGES, Leonardo Bertoldi. **Centro de mídia: Retomada do cinema de rua.** 2018. 89 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

DAT. IN 009: **SISTEMA DE SAÍDAS DE EMERGÊNCIA.** Santa Catarina: Dat, 2014. 46 p. Disponível em: <https://dat.cbm.sc.gov.br/images/arquivo_pdf/IN/Em_vigor/IN_009_Saidas_de_Emergncia_28mar2014.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019.

DAT. IN 018:**CONTROLE DE MATERIAIS DE REVESTIMENTO E ACABAMENTO.** Santa Catarina: Dat, 2016. 46 p. Disponível em:<https://dat.cbm.sc.gov.br/images/arquivo_pdf/IN/Em_vigor/IN_018_Controle_Materiais_Acabamento_12jan2016.pdf>. Acesso em: 23 set. 2019

FURTADO, Hortensia Gerlach. **Requalificação Urbana: Resgate da memória afetiva no centro histórico de São José.** 2018. 130 f. TCC (Graduação) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.

GERLACH, Gilberto; MACHADO, Osni. **São José da Terra Firme**. São José: PMSJ, 2007

LERNER,Jaime. **Acupuntura Urbana**. Rio de Janeiro, 2011

LOPES, José Carlos C. **Pelas ruas da cidade: a construção do espaço urbano e da cidadania**, 5-6 p.

LYNCH, Kevin. **A Imagem da Cidade**. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

MASCARELLO, Fernando. **História do cinema mundial**. 2006. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/331659476/Historia-do-cinema-mundial-Fernando-Mascarello-org-pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

MENOTTI, Gabriel. **Através da sala escura: dinâmicas espaciais de comunicação audiovisual.** 2007. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp032107.pdf>. Acesso em: 16 set. 2019.

MUNARIM, Ulisses. **Arquitetura dos cinemas:: Um estudo da modernidade em Santa Catarina**. 2009. 386 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Arquitetura e Urbanismo, Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2009. Disponível em: <http://livros01.livrosgratis.com.br/cp102086.pdf>. Acesso em: 10 set. 2019.

NAME, L. **Apontamentos sobre a relação entre cinema e cidade**. disponível em: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/04.037/676> Acesso: 18/08/2019

NEUFERT, E. **Arte de projetar em arquitetura.** 13 ed. São Paulo: Gustavo Gili, 1998.

PIRES, José Henrique Nunes, Norberto Verani Depizolatti, and Sandra Mara de Araujo. **O cinema em Santa Catarina.** Editora da UFSC, 1987.

VARGAS, Heliana Comin, CASTILHO, Ana Luisa Howard de (Orgs.). **Intervenções em centros urbanos objetivos, estratégias e resultados.** Barueri, SP Manole, 2015.

9.3 Crédito das imagens

2- Cinema

Fig. 2.1: Fonte: https://aventurasnahistoria.uol.com.br/noticias/reportagem/os--tres-seculos-da-invencao-do-cinema.phtml
Fig. 2.2: Fonte:https://br.pinterest.com/pin/523965737893116226/?lp=true
Fig. 2.3: Fonte: https://br.pinterest.com/pin/127156389451396980/?lp=true
Fig. 2.4: Fonte: https://www.planocritico.com/critica-viagem-a-lua-1902/
Fig. 2.5: Fonte: https://historictheatres.org/blog/2016/11/14/behind-the--curtain-at-the-nickelodeon-americas-first-movie-theatre/
Fig. 2.6: Fonte: Munarim, 2009
Fig. 2.7: Fonte: Munarim, 2009
Fig. 2.8: Fonte: Da Autora
Fig. 2.9: Fonte: https://rioquemoranomar.blogspot.com/2009/08/o-primeiro--cinema-carioca.html
Fig. 2.10: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme.
Fig. 2.11: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme.
Fig. 2.12: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme.
Fig. 2.13: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme.
Fig. 2.14:Fonte: ANCINE, 2018
Fig. 2.15: Fonte: Google Maps, adaptado pela autora.

3- Aspectos Técnicos

Fig. 3.1: Fonte: Dutra, 2016
Fig. 3.2: Fonte: ABCine
Fig. 3.3: Fonte: ABCine
Fig. 3.4: Fonte: NBR 12179
Fig. 3.5: Fonte: NBR 12179
Fig. 3.6: Fonte: NBR 9050 (2015)
Fig. 3.7: Fonte: ABCine
Fig. 3.8: Fonte: ABCine

4- Intervenções em centros urbanos

Fig. 4.1: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, São José da Terra Firme, adaptado pela autora.

5- Referênciais projetuais

Fig. 5.1: Fonte: Gautrand, 2016
Fig. 5.2: Fonte:Gautrand, 2016
Fig. 5.3: Fonte:Gautrand, 2016
Fig. 5.4: Fonte:Gautrand, 2016
Fig. 5.5 Fonte: Archello, 2018
Fig. 5.6: Fonte:Archello, 2018
Fig. 5.7: Fonte: Archello, 2018
Fig. 5.8: Fonte: Archello, 2018
Fig. 5.9: Fonte: Archello, 2018

6. Estudos de caso

Fig. 6.1: Fonte: Da autora.
Fig. 6.2: Fonte:Da autora.
Fig. 6.3: Fonte:Da autora.
Fig. 6.4: Fonte:Da autora.
Fig. 6.5: Fonte:Da autora.
Fig. 6.6: Fonte:Da autora.
Fig. 6.7: Fonte:Da autora.
Fig. 6.8: Fonte:Da autora.
Fig. 6.9: Fonte:Da autora.
Fig. 6.10: Fonte:Da autora.
Fig. 6.11: Fonte: Da autora.
Fig.6.12: Fonte:Da autora.

7- Diagnóstico

Fig. 7.1: Fonte: Snazzy Maps, adaptado pela autora.
Fig. 7.2: Fonte: Google maps, adaptado pela autora.
Fig. 7.3: Fonte: Google maps, adaptado pela autora.
Fig. 7.4: Fonte: GERLACH, Gilberto, Machado, Osni, **São José da Terra Firme, adaptado pela autora.**
Fig. 7.5: Fonte: Prefeitura de São José, adaptado pela autora.
Fig. 7.6: Fonte: Prefeitura de São José, adaptado pela autora.
Fig. 7.7: Fonte: Prefeitura de São José, adaptado pela autora.
Fig. 7.8: Fonte: Prefeitura de São José, adaptado pela autora.
Fig. 7.9: Fonte: Prefeitura de São José, adaptado pela autora.
Fig. 7.10: Fonte: Google maps, adaptado pela autora.
Fig. 7.11: Fonte: Da autora
Fig. 7.12: Fonte: Da autora
Fig. 7.13: Fonte: Da autora
Fig. 7.13.1: Fonte: Da autora
Fig. 7.14: Fonte: Zoneamento Prefeitura de São José
Fig. 7.15: Fonte: Zoneamento Prefeitura de São José
Fig. 7.16: Fonte: Da autora
Fig. 7.17: Fonte: Da autora
Fig. 7.18: Fonte: Da autora
Fig. 7.19: Fonte: Da autora
Fig. 7.20: Fonte: Da autora
Fig. 7.21: Fonte: Da autora
Fig. 7.22: Fonte:https://www.archdaily.-com.
Fig. 7.23: Fonte:https://www.archdaily.-com.brbr
Fig. 7.24: Fonte:https://www.archdaily.-com.br
Fig. 7.25: Fonte: Da autora
Fig. 7.26: Fonte: Da autora
Fig. 7.27: Fonte: Da autora